

Organização

Estela Ramos de Souza de Oliveira

Thyago Madeira França

PROJETOS DE LEITURA: PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO PARA PROMOVER O LETRAMENTO LITERÁRIO



INSTITUTO FEDERAL
Santa Catarina

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina - IFSC

Reitor

Zízimo Moreira Filho

Pró-Reitores

Pró-Reitora de Administração

Vanessa dos Santos Grandó

Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional

Diego Albino Martins

Pró-Reitora de Ensino

Eliana Bär

Pró-Reitor de Extensão e Relações Externas

Maick da Silveira Viana

Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação

Tiago Semprebom

Diretor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Henri Carlo Belan

Revisão textual e gramatical

Thyago Madeira França

Revisão final

Thyago Madeira França

Projeto gráfico e Dagramação

Karine Gabrielly da Silva Soares

Glauco Borges

Capa

Karine Gabrielly da Silva Soares

Catálogo na fonte pelo
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina

P964 Projetos de leitura : práticas de mediação para promover o letramento literário [recurso eletrônico] / Organização Estela Ramos de Souza de Oliveira ; Thyago Madeira França. – Florianópolis : Publicação do IFSC, 2026.
94 p. : il. color.

Publicação digital no formato PDF.
ISBN: 978-65-83787-21-7.

1. Literatura – estudo e ensino. 2. Leitura – estudo e ensino. 3. Incentivo à leitura. I. Oliveira, Estela Ramos de Souza de. II. França, Thyago Madeira. III. Título.

CDD 807

Elaborada pela bibliotecária Camila Koerich Burin – CRB14/969

SUMÁRIO

PREFÁCIO/APRESENTAÇÃO - Um convite ao encontro - Estela Ramos de Souza de Oliveira e Thyago Madeira França **5**

CAPÍTULO 1 - Literatura em roda: compartilhando vivências, (re)conhecendo olhares - Beatris Pizzoni de Freitas **9**

CAPÍTULO 2 - Biblioteca em movimento: por uma cidade leitora - Helena Carvalho Sicsu **23**

CAPÍTULO 3 - Dando voz ao silêncio: revisitando o cânone literário na escola - Juliana Felix Henrique de Almeida Rego **31**

CAPÍTULO 4 - Criança aprendendo com criança: uma leitura prazerosa - Kênia Mara da Costa Jacob Silva **40**

CAPÍTULO 5 - A mágica aventura de (re)viver: memória e cultura em Indez, de Bartolomeu Campos de Queirós - Luciana Oliveira Félix **50**

CAPÍTULO 6 - Leitura literária no ciberespaço: uma trans(formação) leitora juvenil no contexto escolar - Lucivânia Rodrigues da Silva **61**

CAPÍTULO 7 - Leitura literária na escola: o fazer pedagógico e o amor pela literatura podem caminhar juntos - Selma Regina Lapazin **66**

CAPÍTULO 8 - A mediação na leitura do livro ilustrado - Luciana Mendes Ferreira **81**

PREFÁCIO/APRESENTAÇÃO

Um convite ao encontro

Caros leitores,

Se esta publicação chegou aos seus olhos, certamente você é um interessado em garantir e ampliar o acesso à literatura. Afinal, o título “PROJETOS DE LEITURA: PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO PARA PROMOVER O LETRAMENTO LITERÁRIO” foi intencionalmente escolhido para cativar e trazer para dentro destas páginas sujeitos comprometidos e responsivos com a formação de novos leitores.

Entendemos como sujeito comprometido e responsivo com a formação de novos leitores aquele leitor autônomo, consciente da potência formativa da literatura, que assume a responsabilidade ética e estética de democratizar o acesso ao livro e à leitura. Algo que, indubitavelmente, está associado à consciência crítica de que um leitor não se faz sozinho e de forma espontânea, desprovido de condições objetivas e subjetivas que o permitam vivenciar as diversas experiências que o texto literário é capaz de suscitar.

Constituído por um conjunto de projetos de leitura, escritos por mediadoras que atuam em contextos formais e não formais de aprendizagem, este e-book traz possibilidades exequíveis para a promoção da literatura na escola e fora dela. Entendemos o mediador de leitura como um agente responsável pela escolha, criação e implementação de estratégias que promovam o texto literário. Ele atua como um curador que, com base na sua experiência como leitor, deve estar atento ao contexto atual, às obras e aos alunos com quem interage, sendo capaz de contribuir para a promoção da literatura e para a formação de leitores autônomos.

É a partir desse olhar para a importância de um trabalho de mediação significativo, planejado e ético que aqui compartilhamos textos que se configuram enquanto propostas contextualizadas, elaboradas por professoras, pesquisadoras e bibliotecária, com vista ao letramento literário de crianças, jovens e idosos. Cada escrita reverbera o desejo coletivo das autoras e dos organizadores de socializar com outros mediadores caminhos possíveis para o literário, seja em sala de aula ou em círculos de leitura em outros ambientes.

Cada capítulo deste compêndio representa um projeto de leitura engendrado no curso de extensão online *PROJETO LITERATURA E FORMAÇÃO DOCENTE: PROJETOS DE LEITURA: PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO PARA PROMOVER O LETRAMENTO LITERÁRIO*, uma parceria entre a Universidade Estadual de Goiás e o Instituto Federal de Santa Catarina. Durante a presente formação, todos os cursistas foram estimulados a perceber a atuação do mediador de leitura

literária na perspectiva da autoria, da curadoria do texto, do agenciamento e como provocador do dialogismo texto/autor/contexto da obra/leitores/contexto de leitura.

Considerando a escrita dos projetos como resultado desse percurso formativo comum e tendo em vista que os capítulos foram escritos como projetos independentes, é possível observar algumas repetições das referências teóricas. Essas recorrências foram mantidas para que as propostas preservassem as características essenciais desta publicação: a possibilidade de replicabilidade parcial ou total dos projetos e, acima de tudo, a valorização das condições de produção relacionadas à elaboração discursiva das autoras.

Compreendemos as condições do ensino público no Brasil, geralmente relacionadas ao excesso de carga-horária, de demandas burocráticas e, muitas vezes, do pouco tempo para sistematizar nossa prática e construir propostas que tenham como foco a formação do leitor literário, para além dos objetivos mecânicos relacionados, por exemplo, às provas diagnósticas que medem a eficácia do ensino público (Prova Brasil e SAEB, por exemplo). Sem desconsiderar as dificuldades relacionadas às condições de trabalho na escola, entendemos ser possível identificar, no cotidiano dos processos convencionais e não convencionais de escolarização da literatura, espaços para que a leitura literária seja posta como nuclear, por meio de práticas formativas que sejam significativas para os leitores e, ao mesmo tempo, respeitadas com o discurso estético.

No entanto, é essencial reforçarmos que não se trata de um manual com receitas prontas. São abordagens que refletem a experiência direta dos mediadores e caracterizam-se por uma linguagem acessível e operacional, com foco na aplicabilidade e na proposição de recursos tangíveis que refletem e valorizam a interação real entre mediadores e leitores. Assim, para além de possíveis práticas de replicabilidade dos projetos, nossa expectativa é mostrar o quão didática e palpável é a proposta de letramento literário em seu duplo (seja como metodologia/ seja como o desenvolvimento no leitor). Desse modo, os oito projetos que fazem parte desta publicação apresentam-se como alternativas e podem, no lugar de prescrever, estimular o potencial criativo que o próprio texto literário suscita no mediador.

No capítulo 1, Beatriz Pizzoni de Freitas nos apresenta uma proposta de projeto de leitura com a obra Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus, voltado para o contexto escolar do final do ensino fundamental. A proposta é sugerida para dez encontros e tem como foco reflexões sobre a condição humana. Ao trazer a voz de uma mulher negra e catadora de papel dos anos de 1950 no Brasil, destaca-se o valor identitário da obra e convidando os leitores a refletirem sobre questões de raça, gênero e desigualdade social, iluminando a literatura escrita à margem e a sua capacidade de resistir e denunciar as injustiças de um sistema excludente e opressor.

No segundo capítulo, Helena Carvalho Sicsu propõe um projeto para ampliar o acesso à literatura, a partir de um deslocamento itinerante do acervo literário da biblioteca municipal, o qual é dinamizado em escolas de regiões periféricas da cidade em questão. A autora apresenta uma iniciativa que leva livros e cultura literária às comunidades periféricas de Caldas Novas, estado de Goiás, por meio de encontros de leitura, saraus, contação de histórias, oficinas de poesia e teatro, valorizando autores goianos e celebrando a diversidade literária. Trata-se de uma importante jornada cultural que transforma o livro em ponte para o conhecimento e para a expressão artística nessas comunidades.

O capítulo 3 é de autoria de Juliana Felix Henrique de Almeida Rego e se constrói em torno da ideia da promoção e do encontro com textos literários de escritores(as) que, usualmente, possuem pouca circulação nos processos de escolarização da literatura. Assim, a autora propõe um mergulho em textos de autores menos explorados nas escolas, oferecendo aos jovens leitores a chance de se verem em narrativas que desafiam o cânone literário tradicional. A partir de uma proposta de mediação com o conto *O homem que sabia javanês*, de Lima Barreto, o projeto busca incentivar a autonomia na escolha de leituras e despertar a experiência com a literatura através da identificação com personagens e realidades próximas.

Mirando na primeira infância, Kênia Mara da Costa Jacob Silva apresenta, no quarto capítulo, uma proposta de mediação e leitura para crianças de 3 a 5 anos, a partir de uma obra literária de uma autora que também é criança, Tarcila Maria Teixeira. Kênia defende que essa troca com a autora do livro *As taraxinhas* pode estimular as crianças a se interessarem mais pela literatura. Com leitura e escuta de histórias, a proposta incentiva a leitura, o desenvolvimento da linguagem e o respeito às diferenças, aproximando as crianças da experiência da autoria e envolvendo a comunidade escolar nesse universo literário transformador.

No capítulo 5, Luciana Oliveira Félix apresenta um projeto de leitura com a obra *Indez* (2004), de Bartolomeu Campos de Queirós, tomando como contexto de mediação membros de uma comunidade de idosos. A autora defende que a obra memorialista do Bartolomeu pode despertar conexões com o público em questão. A proposta busca despertar memórias e emoções adormecidas que marcaram as vidas do grupo de leitores em foco, valorizando tanto as lembranças felizes quanto as dolorosas. Ao promover um espaço de expressão e superação através do diálogo literário e da memória afetiva, os participantes são convidados a se identificar com o texto e a refletir sobre suas próprias histórias.

O capítulo 6 de Lucivânia Rodrigues da Silva tem como objetivo a reflexão sobre mudanças nos suportes de leitura e como isso pode, de certa forma, incidir nas formas de interação com o texto atualmente. O projeto também busca refletir sobre as influências das mídias sociais e das tecnologias digitais em sala de aula e na mediação da leitura. Em uma análise crítica da relação entre

leitura e tecnologia, a autora destaca as novas habilidades necessárias para ler na era digital, sem abandonar o valor do livro físico, mas refletindo sobre a inclusão digital e o uso do celular em sala de aula.

No capítulo 7, Selma Regina Lapazin apresenta um projeto de leitura e mediação para o 7º ano do ensino fundamental, tomando como contexto uma escola de Canoas – RS. A autora toma como objeto de leitura o livro *O amor nos tempos do blog*, de Vinicius Campos, bem como constrói uma proposta de letramento literário com foco no diálogo temático entre a literatura e a vida cotidiana. Neste estudo, acompanhamos uma jornada de mediação de leitura em uma escola pública, onde alunos do 7º ano mergulham em uma experiência de leitura, explorando as nuances da linguagem, as relações entre os personagens e a relevância das histórias para a nossa sociedade.

Por fim, Luciana Mendes Ferreira constrói uma reflexão sobre as possibilidades de mediação do livro ilustrado no capítulo 8, com vista a auxiliar mediadores do público infantil a reconhecer as potencialidades de leitura com o livro ilustrado. A partir de exemplos de vários livros de literatura infantil, Luciana demonstra a relevância de uma mediação atenciosa que reconheça o imbricamento entre o textual e o visual como potências formativas de leitores. Com o objetivo de auxiliar mediadores a explorar os recursos expressivos dos livros ilustrados e promover experiências de leitura mais significativas para o público infantil, a autora demonstra como desenvolver estratégias eficazes para mediar a leitura de um livro ilustrado com crianças ainda em processo de alfabetização.

Como é possível perceber, há um conjunto de propostas diversas, escritas a partir de lugares também diversos. No entanto, há um fio que perpassa e aproxima todas as produções: a mediação intencionalmente conduzida com vista ao letramento literário (Cosson, 2006) e à ampliação do direito à literatura.

Com entusiasmo, queremos convidar você para esticar o olhar até as páginas seguintes e entrar em diálogo com cada uma das propostas. Nosso desejo é que este livro seja ponto de encontro entre os saberes que circulam por aqui e por aí. Boa leitura!

CAPÍTULO 1

LITERATURA EM RODA: COMPARTILHANDO VIVÊNCIAS, (RE)CONHECENDO OLHARES

Beatris Pizzoni de Freitas

Graduada em Letras licenciatura (Língua Portuguesa) pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) e Pós-graduada em Literatura Brasileira no Contexto Universal pela Faculdade Metropolitana (FAMEESP). Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), bolsista pela coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Realizou, em um período de seis meses, a mobilidade acadêmica na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), em Portugal. É membro do grupo de pesquisa Littera - Correlações entre cultura, processamento e ensino: a linguagem em foco (UNESC) e é professora voluntária em projetos de extensão do grupo de pesquisa Território Paulo Freire (UNESC) Atualmente, é professora de Língua Portuguesa e Literatura, atuando no Ensino Fundamental Anos Finais, Ensino Médio e no Pré-Vestibular. E-mail: beatrispizzoni@gmail.com

*Quem faz um poema abre uma janela.
Respira, tu que estás numa cela abafada,
esse ar que entra por ela.
Por isso é que os poemas têm ritmo
- para que possas profundamente respirar.
Quem faz um poema salva um afogado.*

Mario Quintana

INTRODUÇÃO

A Literatura é, de fato, um campo aberto à criação estética e à promoção de reflexões acerca do estado transitório e paradoxal que é a vida em sociedade. Dentro deste aspecto, é passível de se abordar que, dentre as escolhas teóricas existentes, há uma pungente necessidade de - voltar a - considerar o ensino de Literatura, em concordância com Todorov (2021), como um espaço de reflexão sobre a condição humana. Neste viés, que apreende a formação do indivíduo, a interação com o outro e com a realidade, bem como a presença criadora e reflexiva da Literatura, é que se propõem os encaminhamentos deste projeto.

É cabível de se pensar que a formação de um sujeito leitor perpassa por alguns processos, que vão desde as escolhas individuais de leituras até as mediações feitas por espaços escolarizados e, também, não escolarizados. Neste processo, há caminhos interessantes de serem pensados, principalmente aqueles que visam à reconsideração e a quebra dos trajetos que nutrem uma educação bancária, não emancipatória. Em concordância com Freire, em sua obra *Pedagogia do oprimido* (2020), ponderamos que a educação tem um papel libertador, já que compreende a realidade como um espaço passível de mudanças. Sob este viés, temos o entendimento do ser humano como historicidade, como um ser inacabado, aberto à novas aprendizagens, percepções e visões da realidade objetiva.

Quando falamos de educação e, principalmente, de aula de Literatura, como caminhos a serem pensados para a emancipação do sujeito, direcionamos nosso entendimento para uma aula que possa ser, constantemente, um local de interação entre os sujeitos leitores, sejam eles professores ou alunos. Nisso, alinhamos nosso pensamento ao de Freire (2020, p. 116) que nos diz que:

A educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele. Visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças ou desesperanças que implicam temas significativos, à base dos quais se constituirá o conteúdo programático da educação.

Esse entendimento é validado ao buscarmos construir em nossas aulas, junto aos estudantes, um momento de troca de experiências de leitura que mescle aprendizagens baseadas em estudos teóricos com experiências subjetivas, oportunizando a escuta e o diálogo entre docente e discentes. Neste caso, como cita bell hooks (2017, p. 18) “o professor precisa valorizar de verdade a presença de cada um. Precisa reconhecer permanentemente que todos influenciam a dinâmica da sala de aula, que todos contribuem”.

Sabemos que, por vezes, a dinâmica de aula escapa de nossos planejamentos e vaga pelas distrações tecnológicas e pelo cansaço que permeia o fazer docente, fazendo com que essa percepção ativa com os alunos acabe por se perder em meio a prazos trimestrais e o esgotamento latente. Contudo, ao lembrarmos da construção orgânica que é uma aula e da potência, até mesmo, do silêncio e do que comumente chamamos de “bagunça”, oportunizamos a criação de um ambiente que propicie - para nós e para eles - a formação crítica de leitores e de indivíduos que, tendo espaço de expressão, compreendem mais a si e mais ao outro.

Além desses aspectos, levantamos outro ponto interessante a ser mencionado: a potência humanizadora que há na Literatura, que é um campo profundo e interessante de ser cultivado no trabalho com o texto literário. O que entendemos, aqui, por humanização é, em consonância com Candido (2017, p. 182) “o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida [...]”. A humanização, em nossa análise, une-se à constante reflexão do indivíduo sobre o seu papel na vida em sociedade e o papel desempenhado por quem aqui estava antes dele. O movimento com o texto literário vem de encontro com a elaboração da consciência crítica, que também assume um papel relevante em relação à construção da nossa própria identidade.

Neste aspecto formador, atravessado pela natureza política, social e humanitária da Literatura, trataremos como objeto de estudos deste projeto o livro *Quarto de Despejo*, da autora brasileira Carolina Maria de Jesus. A seleção desta obra foi feita com base em seus aspectos de cunho identitário, atravessados pelo gênero e pela raça, na escrita de uma mulher negra, mãe e catadora de papel em meados dos anos 50 no Brasil. Por meio da sequência de letramento que será proposta, é possível criar um diálogo com os participantes que amplie o olhar para a literatura nacional e, principalmente, aquela escrita às margens da sociedade, por vezes invisibilizadas, que nutrem, na escrita, uma ponte entre a denúncia e a resistência frente a um sistema social desigual, racista e opressor.

A contribuição do texto literário para a (des)construção da visão que o leitor tem de sociedade e, também, da própria identidade se dá, também, pelo estranhamento que é inerente às obras literárias. Stuart Hall (2019) nos traz que a nossa identidade é construída por meio da diferença que temos com o outro: eu sou eu, pois não sou o outro. Nesses termos, o contato dos leitores com uma obra, escrita em primeira pessoa, numa estrutura tão potente quanto é a do diário pessoal, pode levantar profundas reflexões e estranhamentos sobre a nossa própria condição enquanto indivíduos. Na obra em questão, as temáticas trazidas pela escrita de Carolina não se restringem aos anos de 1950, pelo contrário, perpetuam ainda na contemporaneidade. Assim sendo, enfatiza-se

a importância do contato com obras que levantem problemáticas e condições atuais, já que “o letramento literário trabalha sempre com o atual, seja ele contemporâneo ou não. É essa atualidade que gera a facilidade e o interesse de leitura dos alunos”, conforme nos cita Cosson (2018, p. 32).

Nesses termos, reconhecemos a Literatura e o trabalho com o texto literário, em especial, com esta obra, como um convite potente ao reconhecimento de uma memória social - já empoeirada e por muito apagada - e, também, à valorização consciente da vivência, enquanto sujeito ativo, de uma mulher escritora. Atrelados ao que nos diz Todorov (2021), por meio da leitura e da troca das experiências enquanto leitores de *Quarto de Despejo*, a literatura convida o sujeito a interpretar outras vidas e outras formas de vida, bem como outros tempos e outras formas de utilizar a linguagem para encontrar-se e reconhecer-se como sujeito ativo do e no mundo.

Para tanto, este projeto de leitura tem como objetivo geral promover a reflexão sobre a condição humana e sobre a realidade objetiva a partir da mediação de leitura com a obra *Quarto de despejo*, da autora brasileira Carolina Maria de Jesus, aqui proposta para o 9º ano do ensino fundamental. Como objetivos específicos, buscamos: Realizar a leitura da obra *Quarto de despejo*; Conhecer a vida e obra da autora Carolina Maria de Jesus; Participar das rodas de conversa com contribuições acerca da leitura e interpretação da obra em questão e produzir um fanzine para propagar as percepções de leitura e interpretação da obra.

METODOLOGIA DE MEDIAÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO

A aplicação deste projeto de mediação foi inicialmente pensada para ser trabalhada em aulas de Língua Portuguesa/Literatura em escolas regulares, para a turma do 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais, que contam com a seleção de uma obra a ser trabalhada dentro de um prazo estabelecido, geralmente, de um trimestre. Contudo, tanto pela fluidez do texto literário quanto pela possibilidade de adaptação do projeto, ele pode ser aplicado em espaços não-escolarizados ou, ainda, ser remanejado para ser trabalhado em um espaço de tempo menor ou maior, a depender dos objetivos do mediador e dos participantes das rodas de conversas literárias.

A mediação do livro *Quarto de Despejo* está inserida em um projeto mais amplo que se chama *Literatura em roda: compartilhando vivências, (re) conhecendo olhares*, constituído de etapas embasadas na abordagem básica do letramento literário na escola, de Rildo Cosson (2018), a qual é dividida em quatro etapas, sendo elas: a motivação, que é a construção de laços com o texto a ser lido pelos alunos; a introdução, que refere-se à apresentação da obra e do autor; a leitura, que é constituída pelo contato dos leitores com a obra, seguido de intervalos com intervenções do professor, a fim de acompanhar a

leitura e, por último, a interpretação, que diz respeito aos diálogos construídos sobre os sentidos e sobre a construção do texto lido. Acrescentamos, ainda, uma produção artístico-literária para findar os trabalhos e as discussões sobre o livro em questão. Os momentos de conversas mais livres sobre a obra encontram-se, também, mesclados durante as aulas, já que compreendemos que a conversa sobre o texto literário não deve ser restringida a manuais estáticos que inviabilizam a expressão do leitor ou se restringem a uma sequência didática pré-selecionada.

Para fins didáticos, a escolha de realizar as aulas sobre o livro por meio de rodas de conversa converge com o entendimento de que o indivíduo se constrói leitor, também, ao se ouvir e ouvir o outro sobre a obra. Bajour (2012, p. 22) nos traz que “o ato da leitura consiste em grande medida na conversa sobre os livros que lemos”. Assim, por meio das conversas mediadas, é possível que os participantes, além de criarem um círculo de leitores, possam organizar melhor a sua compreensão sobre a obra, também, a partir da escuta de si e do outro. Ainda, em consonância com a autora, compreendemos que a significação sobre aquilo que se leu não é, somente, um ato individual, já que a escuta é sempre um retorno ao que foi lido. Como esta sequência está inserida dentro de uma sistematização trimestral escolar e, considerando que a leitura, em si, é um ato individual e silencioso, os alunos serão convidados a ler o livro integralmente fora do horário de aula. Assim, dentro do seu próprio tempo, eles serão estimulados, por meio de motivações em aula, feitas a partir de perguntas-chaves e leituras de trechos da obra, a anotarem partes que se identificaram ou que chamaram a sua atenção.

Para esta motivação, começamos com perguntas como “Você já teve um diário?”, “Quando você sentia que precisava escrever num diário?”. Após as respostas dos alunos, apresentaremos a obra *Quarto de Despejo* e lemos um trecho dela. A motivação “prepara o leitor para receber o texto” (Cosson, 2018, p. 56) e, ainda, faz com que o livro seja inserido na aula como um convite e não como uma obrigação de leitura. Neste momento, ainda, sugerimos uma breve introdução da autora e do espaço-tempo em que o diário foi escrito, para que os estudantes possam estar cientes da linguagem e dos cenários que terão contato por meio da leitura.

Posteriormente, em uma data acordada com a turma, iniciaremos as rodas de conversa sobre a obra, que estarão sequencialmente descritas na seção abaixo. É importante destacar que, pelo fato de a leitura da obra ser realizada em casa, a motivação e o acompanhamento de leitura são constantes. Ao menos duas vezes na semana, é recomendado ao professor-mediador escolher uma página ou dia do livro em questão e realizar a leitura com os alunos, promovendo uma pequena conversa sobre ele. Esta dinâmica consome poucos minutos da aula e serve de motivação constante aos que estão lendo ou aos que ainda não iniciaram a leitura.

Outra atividade que também será realizada e está em consonância com a teoria de Cosson (2018), no que tange ao aspecto da motivação, é buscar leitores locais da obra e solicitar que eles gravem pequenos vídeos contando de suas experiências de leitura. Esta atividade faz com que os estudantes possam ter uma identificação maior com a leitura, já que terão as experiências de pessoas fora do círculo escolar-acadêmico que leram o mesmo livro. Com isso, buscamos distanciar a ideia de que esta obra se restringe ao espaço escolar ou a um fim exclusivamente didático.

DESENVOLVIMENTO - ETAPAS DE TRABALHO COM O TEXTO LITERÁRIO

Aqui, encontra-se a sequência sugerida para a aplicação do projeto, dividida em dez aulas, que podem ser ajustadas de acordo com o objetivo de cada professor-mediador. Antes de iniciar, é importante ressaltar que os trechos aqui incluídos se encontram disponíveis na 10ª edição de *Quarto de Despejo*, impressa pela Editora Ática, em 2014. Abaixo, apresentamos a sequência de ações para a aplicação deste projeto.

Divulgação do projeto

A divulgação do projeto pode ser realizada em um miniauditório ou num espaço disponível na escola, com a participação de um convidado (sugere-se um professor de Literatura, escritor local, leitor da obra, etc), a fim de promover um diálogo com as turmas sobre o que é Literatura e a presença da literatura no cotidiano. Ali, será apresentado aos alunos a ideia de se trabalhar com o livro por meio de rodas de conversas que, ao final, resultará em uma produção artístico-literária.

Motivação e introdução

Em uma aula, como motivação, o mediador trará questionamentos com os alunos que envolvam o gênero que será lido, por meio de perguntas como:

- *Você já possuiu um diário?*
- *O que te motivava a escrever no diário?*
- *O que, geralmente, se escreve num diário?*

Após, o mediador pode relatar que o gênero que será lido pelos alunos é um diário pessoal, por meio da apresentação da obra e da autora. Para a apresentação da autora, é interessante que o mediador discuta as condições de

produção da obra e busque, junto aos estudantes, informações sobre a autora Carolina Maria e sobre a favela do Canindé, local onde ela residia.

Ainda nesta aula, o mediador pode realizar a leitura de um trecho do diário, principalmente aqueles que já apresentem alguma das temáticas que rondam a obra, como a fome, as condições sociais precárias, as reflexões de Carolina sobre o ser humano, os posicionamentos políticos e sociais da autora, entre outros. Como complemento, é recomendável que o mediador relate sobre a linguagem utilizada pela autora, que mescla tons coloquiais e formais, resultantes do seu processo de letramento.

Leitura

O mediador dará um prazo para que os alunos leiam a obra em casa e que façam, durante essa leitura, anotações de trechos/dias do diário que marcam a sua leitura. É recomendável que este tempo varie de um a dois meses, já que nem todos os alunos possuem o mesmo ritmo de leitura. Aos alunos que não conseguirem adquirir a obra, ela encontra-se disponível no site da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, por meio do endereço [eletrônico: http://dpid.cidadaopg.sp.gov.br/pde/arquivos/1623677495235-Quarto%20de%20Despejo%20-%20Maria%20Carolina%20de%20Jesus.pdf](http://dpid.cidadaopg.sp.gov.br/pde/arquivos/1623677495235-Quarto%20de%20Despejo%20-%20Maria%20Carolina%20de%20Jesus.pdf).

É importante que, no tempo destinado à leitura, o mediador faça intervenções em aula, realizando a leitura de partes do livro com posteriores discussões, acompanhando o progresso da turma por meio de conversas em sala, de forma a dialogar, também, sobre as possíveis dificuldades encontradas pelos alunos enquanto leitores. Ainda, sugere-se que, ao menos, uma vez por semana ou a cada quinze dias, apresente-se os vídeos gravados pelos leitores locais da obra ou por leitores do círculo de convivência do mediador, para criar uma aproximação entre a turma e a obra, visando a quebra da visão de que somente os professores ou mediadores realizam a leitura de obras sugeridas pela escola.

Interpretação

Para esta etapa, sugere-se um total de duas semanas de rodas de conversa sobre a obra, ou de, pelo menos, dez aulas. A sequência sugerida pode ser realinhada a depender do andamento e do envolvimento dos participantes.

Encontro um

Os questionamentos a seguir servem de motivação/introdução à roda de conversa sobre a obra. Eles podem ser projetados em slide ou passados no quadro, a fim de serem pauta de conversa com os participantes:

- *O que move a escrita de um diário?*

- *Se o Brasil de hoje fosse uma casa, qual seria o Quarto de despejo?*

Após, sugere-se a leitura do trecho a seguir: “ Devo incluir-me, porque também sou favelada. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo. (p. 37)”.

Sugere-se que os questionamentos e trechos sejam permeados por discussões e aberturas para comentários dos participantes. Caso haja tempo hábil, recomenda-se a leitura de um trecho, de escolha livre, por parte dos estudantes.

Encontro dois

A abertura do encontro é feita com o convite a leitura de um trecho livre por parte dos participantes. Após, traz-se a seguinte informação (de preferência, atualizada) do número de moradores nas comunidades no Brasil. Essa informação pode ser encontrada em reportagens de jornais confiáveis e sites da imprensa nacional.

Após, propomos um diálogo acerca das condições sociais dos moradores das favelas, hoje compreendidas como comunidades. Após, sugerimos a leitura de um trecho da obra que contém a visão da autora sobre a favela em que ela residia, que encontra-se na página 37.

Na sequência, será apresentado o documentário *Poética da diáspora*, produzido pela revista Pesquisa Faesp, disponível no Youtube via link: https://www.youtube.com/watch?v=T0ncwWD1C9g&ab_channel=PesquisaFapesp

Ao final, abre-se para o diálogo sobre a presença e a potência criadora de Carolina em seu diário.

Encontro três

Neste encontro, os estudantes serão convidados a lerem o conto *Felicidade Clandestina*, da autora brasileira Clarice Lispector. Relativo à leitura do conto sugerido, vale lembrar que este pode ser o primeiro contato dos estudantes com um texto de Clarice Lispector. Nisso, é interessante que se faça uma pequena introdução sobre quem é a autora e um breve comentário sobre seu estilo de escrita. Ainda, pode-se projetar a fotografia em que se encontram Clarice Lispector e Carolina Maria juntas, retirada em uma noite de autógrafos concedida por Carolina. Sugere-se, também, a leitura do artigo *Os laços que unem Clarice e Carolina*, publicado na revista *Quatro Cinco Um* e, atualmente, disponível no link: <https://www.quatrocinco.com.br/br/artigos/literatura/os-lacos-que-unem-clarice-e-carolina>

Para dar sequência a este encontro, é solicitada uma leitura individual, depois uma leitura coletiva. Após, será realizada a conversa sobre o conto em questão e as possíveis associações entre ele e a obra *Quarto de despejo*. Algumas questões norteadoras podem ser utilizadas para a conversa, como:

Poderiam ser, a leitura, escrita e o livro uma felicidade clandestina para Carolina Maria de Jesus?

Abaixo, seguem sugestões de trecho para suscitar as discussões:

“Eu cato papel, mas não gosto, então eu penso, faz de conta que eu estou sonhando” (p.29)

“Quis saber o que eu escrevia. Eu disse ser o meu diário. – Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você. Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler.” (p.26)

“Esquentei comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem.” (p.24)

É importante incentivar os alunos a pensarem, também, quais são suas felicidades clandestinas, a fim de que eles possam encontrar identificações com a autora e conseguir, de certo modo, encontrar-se mais presente na discussão de aula e na leitura do diário.

Encontro quatro

A temática sugerida para este encontro é: o letramento como ato político e social. Os seguintes trechos são sugeridos para levantar a conversa sobre a temática proposta:

“Fui na sapataria retirar os papeis. Um sapateiro perguntou-me se o meu livro é comunista. Respondi que é realista. Ele disse-me que não é aconselhável escrever a realidade.” (p. 108)

“Eu escrevo porque preciso mostrar aos politicos as pessimas qualidades de voces.” p. 172

“os políticos sabem que eu sou poetiza. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido”. (p.39)

O professor-mediador pode suscitar questionamentos sobre a importância da alfabetização e do letramento para o sujeito constituir-se como agente transformador do mundo e da sua própria individualidade. Para isso, sugere-se a leitura teórica dos conceitos de alfabetização e letramento, que podem ser encontrados nos escritos das autoras Magda Soares e Roxane Rojo.

Encontro cinco

O encontro cinco terá como foco a diáspora da Carolina e seus reflexos na obra *Quarto de despejo* e na obra posterior intitulada *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*. Para isso, inicia-se a aula perguntando aos estudantes se eles sabem o que é uma diáspora. Após, sugere-se a pesquisa e a construção de um pequeno mapa mental no quadro sobre este termo, a fim de embasar a conversa posterior.

Após, os alunos serão convidados a pesquisarem sobre o livro *Casa de alvenaria: diário de um ex-favelada*: reportagens, entrevistas e a compartilhar, em grupos, as informações encontradas. Espera-se que os estudantes percebam as diferentes condições da obra e o posicionamento forte e resiliente da escritora Carolina Maria frente aos comentários tecidos pela mídia e sobre seu posterior esquecimento.

Encontro seis

Esse encontro tem como temática os integrantes da família de Carolina que aparecem na obra, em especial, seus filhos. É interessante conduzir uma conversa acerca dos personagens, que são, acima de tudo, pessoas reais, já que se trata da leitura do gênero diário pessoal. Para isso, recomenda-se assistir a entrevista *Carolina Maria de Jesus: filha fala sobre vida e obra da escritora*, cedida pela filha de Carolina Maria, a professora Vera Eunice para a Rede TVT, em 2014. Uma sugestão é o mediador suscitar uma discussão acerca dos limites da ficção e da realidade, com o levantamento de hipóteses sobre o olhar de Vera Eunice para o que foi escrito no diário.

A entrevista citada pode ser encontrada em: <https://www.youtube.com/watch?v=qRjDmmWAF6o>

Encontro sete

Este encontro tem como temática sugerida: Reverberações da obra: marchinhas escritas e cantadas por Carolina Maria e Samba-Enredo *Cinderela Negra do Canindé* da escola Colorado Brás no carnaval de 2022.

Sugere-se que a roda de conversa se inicie com a seguinte pergunta:
-*Além de escritora, alguém sabe o que mais a Carolina Maria era?*

Após as sugestões dos alunos, mostra-se as marchinhas escritas e cantadas por Carolina. Sugere-se ouvir e acompanhar a letra de “Rá-Ré-Ri-Ró-Rua”, para iniciar uma conversa sobre a crítica descrita por Carolina que se encontra presente na música. Segue, abaixo, os links em que encontra-se os materiais sugeridos para este encontro:

Álbum Quarto de despejo, sambas cantados e compostos pela autora, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t3dzlAr4euo>

Samba-Enredo *Cinderela Negra o Canindé* da escola Colorado Brás no carnaval de 2022, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=n9lRN-v9aRI0&ab_channel=VariousArtists-Topic

Encontro oito

Este encontro destina-se ao lançamento da proposta de produção do fanzine, como forma de findar as reflexões e conversas sobre o projeto. Para

isso, abaixo, encontra-se a sugestão da estrutura do roteiro desta produção, que pode ser impresso e entregue aos alunos:

Produção de Fanzines sobre o livro *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus

“Li um pouco. Não sei dormir sem ler. gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem.”

A cada página de “Quarto de despejo”, somos atravessados por reflexões e por uma visão da realidade que nos sacode, remodela o nosso olhar. Uma obra como a de Carolina Maria de Jesus não pode ser esquecida, concorda?

A partir disso, você fará com que mais pessoas possam se interessar sobre a obra, por meio da produção de um FANZINE.

O Fanzine é uma “revistinha do fã”. Nele, você colocará tudo o que um fã colocaria sobre uma obra, com argumentação, criticidade e afeto. O fanzine será confeccionado do seu jeito, a partir das suas reflexões e leitura. Apenas, teremos 5 combinados para melhor estruturarmos a produção:

Combinados - O seu fanzine deverá:

- 1) Conter, pelo menos, duas citações (trechos) do livro;
- 2) Conter sua opinião sobre o livro;
- 3) Conter informações sobre a autora do livro;
- 4) Conter alguma imagem/desenho que remete à obra;
- 5) Falar de, pelo menos, uma temática presente no livro.

Critérios avaliativos sugeridos (peso 10,0)

- a) Adequação à proposta de confecção de um fanzine (3,0)
- b) Cumprimentos dos cinco combinados (3,0)
- c) Escrita na norma padrão da Língua Portuguesa e revisão gramatical (2,0)
- d) Senso estético, cuidado e organização da produção (2,0)

É interessante que o mediador leve alguns Fanzines prontos ou projete/imprima imagens de exemplos, para melhor entendimento por parte dos alunos. Ainda, é importante combinar com a turma de trazerem materiais de casa que possam servir para a construção dos fanzines, como: pacotes de pão, filtro de café usados e secos, barbantes, papelão, cola, tesoura etc.

Encontro nove

Este encontro é destinado à montagem dos Fanzines. É importante que o mediador acompanhe o processo e tire as possíveis dúvidas dos alunos. Ainda,

é necessário o incentivo à argumentação e à visão crítica na etapa em que os estudantes forem escrever a opinião sobre o livro, já que é nestes momentos que, também, consegue-se avaliar com mais afinco a leitura e o resultado das rodas de conversa.

Encontro dez

Para a montagem da exposição, sugere-se que seja feito um varal com as produções que forem estilo livreto e, para as produções maiores, colocá-las dispostas em um local de fácil visualização. Caso seja do interesse do mediador, podem ser produzidos pequenos cartões ou QR codes com informações sobre o livro e sobre a autora para serem colados junto ao mural, bem como cartões com o nome do professor responsável pela exposição, o componente curricular (disciplina) e turma em que o projeto foi executado.

A exposição das produções como resultado do projeto são um caminho para propagar, ainda mais, as rodas literárias e, também, funcionam como uma forma de darmos valor ao que é produzido em nossas aulas. Além de, por certo, incentivar e valorizar as criações realizadas por nossos estudantes.

Recursos necessários

Para a execução deste projeto, sugere-se os seguintes materiais:

- Exemplos do livro *Quarto de despejo* (um por participante) ou disponibilização do PDF.
- Projetor
- Caixa de som
- Sala com capacidade para acolher 30 alunos
- Cópias do conto *Felicidade Clandestina* (um por aluno)

Materiais sugeridos para compor os fanzines:

- 100 folhas A4
- 100 folhas coloridas sortidas
- 01 barbante
- Tintas guaches de cores variadas
- Revistas para recorte
- Colas bastões e colas coloridas
- 01 fita adesiva

SUGESTÃO DE CRONOGRAMA

Atividade	Março	Abril	Maio	Junho	Julho
Divulgação do Projeto e início da leitura	X				
Acompanhamento da leitura	X	X			
Encontros 1 à 10			X	X	
Construção do Fanzine e exposição				X	X

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com o texto literário é, de fato, um caminho interessante para a construção de diálogos que coloquem a mostra nossas reflexões sobre as diferentes constituições de sujeitos nas mais diversas realidades, sejam elas objetivas ou fictícias. Por meio do trabalho com a obra *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, é possibilitado aos participantes do projeto um contato com os relatos do dia a dia da autora e suas concepções críticas, subjetivas e potentes sobre sua condição enquanto moradora da Favela do Canindé em meados dos anos de 1950. Percepções, estas, que são permeadas pelo olhar subjetivo de uma mulher, negra, marginalizada e detentora de um aguçado olhar frente às opressões vivenciadas pela autora-personagem.

De fato, o poder humanizador da Literatura, como lido em Candido (2017), não está, somente, em perceber características inerentes ao ser humano nas obras. Aqui, compreendemos que nos constituímos seres humanos, também, ao estarmos abertos para adentrarmos no exercício da reflexão, da percepção das diferentes realidades e dos percalços que nos tornam, também, o que somos. Essas percepções podem ser fomentadas pelas constantes reflexões geradas nas rodas de conversas e nos encontros propostos ao longo deste projeto, principalmente por eles disporem-se a dar voz aos leitores-alunos, que estão, assim como nós, constituindo-se enquanto sujeitos leitores.

REFERÊNCIAS

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas**: o valor da escuta nas práticas de leitura. São Paulo: Pulo do Gato, 2012. Tradução de: Alexandre Morales.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017, p. 171- 193.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 75. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019. Tradução de: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2. ed. São Paulo: Editora Wmf Martins Fontes, 2017.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. 13. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2021. Tradução de: Caio Moreira.

CAPÍTULO 2

BIBLIOTECA EM MOVIMENTO: POR UMA CIDADE LEITORA

Helena Carvalho Sicsu

Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Goiás (UFG/ 2004), cursou Especialização em Educação para diversidade e cidadania (UFG-CIAR/2012) e Letramento Informacional (FIC/UFG/2017). Atuou como coordenadora da Bibliotecas Universitárias da Faculdade Sete de Setembro - FASS, Faculdade de Caldas Novas – Unicaldas e Universidade Estadual de Goiás. Atualmente, é diretora da Biblioteca Pública Municipal Professor Josino Bretas, membra do Conselho de Cultura desde 2019, coordenadora do Cineclube Provocação em Caldas Novas, mentora e uma das mediadoras dos clubes de leitura “Leia Mulheres Caldas Novas” e “Roda de Leitura” da Biblioteca Josino Bretas. E-mail: carvalhosicsu@gmail.com

Não há melhor fragata do que um livro para nos levar a terras distantes

Emily Dickinson

INTRODUÇÃO

O Município de Caldas Novas, no estado de Goiás, cresceu muito nos últimos 10 anos e pode-se observar também uma desordem na distribuição de comunidades periféricas, com necessidades específicas e em estado de vulnerabilidade e as diversas violências sofridas pelas condições socioeconômicas, e as escolas municipais que atende essas comunidades não tem uma Biblioteca Escolar que atenda a essas comunidades, de suprindo as necessidades de informação para uma formação global do indivíduo.

A Biblioteca Josino Bretas, gestora do projeto Biblioteca em Movimento, realiza diversas ações de estímulo à leitura. No entanto, como fica localizada na região central da cidade de Caldas Novas está afastada de regiões periféricas e, com isso, não é acessível a todos os alunos da cidade, limitando o acesso de parte dos estudantes do município às instalações da biblioteca, seu acervo e atividades culturais. Moradores de bairros mais afastados têm pouca ou nenhuma condição de ir ao espaço físico da biblioteca e, em suas comunidades, não contam com bibliotecas escolares e ou acervos públicos. Por esse motivo, é preciso um esforço do poder público e todo empenho, enquanto equipamento cultural e formativo, para que a Biblioteca Pública Municipal alargue sua incidência.

Nesse contexto, o *Projeto Biblioteca em Movimento: por uma cidade leitora* tem buscado solucionar essa falta de acesso e oportunidade ao bem cultural tão essencial à aquisição de conhecimento, que é o livro, e ao instrumento cultural e social mais comum nos municípios brasileiros, que é o que a biblioteca. O projeto consiste em proporcionar acesso à informação e aos bens culturais, livro, leitura, literatura, cultura e artes às comunidades escolares da periferia de Caldas Novas, como as comunidades ciganas o Bairro dos Nordestinos, o Bairro Santa Efigênia, o Portal do Sol e o Grupinho. São comunidades periféricas em situação vulnerável, sem acesso à biblioteca pública e sem bibliotecas escolares. Portanto, a ação consiste em levar o bem cultural livro, leitura, informação observando a bibliodiversidade, prestigiando os(as) escritores(as) goianos(as), poesias, intervenção e mediação de leitura junto com as crianças, lendo juntos, contando histórias, oficinas de vocalização de poesias, oficinas de interpretação teatral, Sarau Literário e Cultural.

Essas atividades se organizam em torno do deslocamento de um acervo itinerante, selecionado a partir do princípio da bibliodiversidade, com atenção ao acervo da Biblioteca Josino Bretas, com foco na produção literária indígena, escritora por mulheres, escritores negros, e poesias. As atividades propostas permaneceriam por um período em cada uma destes bairros periféricos (instalando-se nas escolas dessas comunidades) e culminariam em um evento maior, um *Sarau Cultural* na Unidade, com a participação da comunidade escolar e das famílias.

Sugere-se que o cronograma de inserções nas comunidades seja organizado em quatro semanas. Na primeira semana, denominada de *Apresentação*

na Escola, organiza-se o espaço da *Biblioteca em Movimento* na escola, faz-se a apresentação aos alunos, professores e gestores. Na segunda semana, realizam-se as oficinas de performance teatral, com ênfase em obras literárias levadas à escola e empréstimo das obras levadas para as *Rodas de Leitura*. Na terceira semana, ocorrem as oficinas de vocalização de poesias. Na quarta semana, a culminância com *Sarau Literário e Cultural*, envolvendo toda a comunidade escolar.

O objetivo principal do projeto é proporcionar o acesso facilitado ao livro, à leitura e à arte, promovendo a dinamização da cultura livresca, e ao contato com bens culturais diversos por meio de rodas de leitura, oficinas e saraus. Além disso, o projeto também objetiva: disponibilizar um acervo composto por obras relevantes para a formação estética e humanizada a estudantes e professores de escolas que não contam com suas próprias bibliotecas, cumprindo o direito ao acesso cultural livro/literatura e cultura livresca; incentivar a prática da leitura e proporcionar experiências significativas, por meio de atividades de mediação, oficinas e saraus, rodas de leituras, quatro oficinas e quatro saraus literário e cultural, contribuir para a consolidação de políticas públicas municipais para a democratização do acesso ao livro e à leitura; valorizar a integração sociocultural por meio de processos participativos e integradores; utilizar os livros e a poesia como instrumentos de inclusão, diálogo e modos de estímulo à participação social de sujeitos que estão à margem e, muitas vezes, invisibilizados.

METODOLOGIA DE MEDIAÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO

O Projeto *Biblioteca em Movimento* se insere na categoria de planejamento e desenvolvimento de serviços bibliotecários de extensão, que pressupõe serviço móvel destinados a comunidades sem acesso aos serviços de biblioteca, no caso desses bairros, por exclusão, devido à situação econômica e geográfica. Nesse esforço, a Biblioteca Pública Municipal Josino Bretas atende uma das diretrizes da IFLA para bibliotecas públicas enquanto equipamento cultural e social.

Destacam-se um dos principais objetivos/serviços/missão da Biblioteca Pública:

a finalidade precípua da Biblioteca Pública é proporcionar recursos e serviços, numa diversidade de mídias, a fim de atender às necessidades de indivíduos e grupos em matéria de educação, informação e desenvolvimento pessoal, inclusive sua recreação e lazer. Desempenha importante papel no desenvolvimento e preservação de uma sociedade democrática ao oferecer ao cidadão o acesso a uma ampla e diversificada variedade de conhecimentos, ideias e opiniões. (Koontz; Gubbin, 2012, p. 2)

Outra preocupação do Projeto é alinhar seus aos objetivos da Agenda 2030 da ONU¹, isso acontece pois desde 2018 a Biblioteca faz parte do Programa Conecta Biblioteca da Ong Recode Bibliotecas que busca alinhar seus projetos e ações com os Objetivos da Agenda 2030. Sendo assim, podemos destacar que o *Projeto Biblioteca em Movimento: por uma cidade leitora* está alinhado aos objetivos e metas da Agenda 2030, de acordo com a menção a seguir:

ODS 4 - Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos. O projeto Biblioteca em Movimento tem como um dos seus objetivos a oferta de livros infantis, audiolivros, e-books, filmes, para auxiliar alunos e professores no processo informação e formação, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento educacional do município, reduzir a dificuldade de aprendizado. A meta 4.1.1 Proporção de crianças e jovens: (a) nos segundo e terceiro anos do ensino fundamental; (b) no final dos anos iniciais do ensino fundamental; e c) no final dos anos finais do ensino fundamental, que atingiram um nível mínimo de proficiência em (i) leitura e (ii) matemática, por sexo. O estudante que tem acesso a livros e sendo incentivado à Leitura desde cedo sua formação será com certeza consolidada em todas as áreas de formação. Se relaciona também a meta 4.7 garantir que todos os alunos adquiram conhecimentos e habilidades necessárias para promover o desenvolvimento sustentável, inclusive, entre outros, por meio da educação para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, igualdade de gênero, promoção de uma cultura de paz e não violência, cidadania global e valorização da diversidade cultural e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável, isso se dá através da Leitura e da crítica, crítica essa que se dará por meio do acesso aos livros e a leitura. (Nações Unidas Brasil. ODS).

ODS 5 – Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas; e a relação com o projeto: O projeto Biblioteca em Movimento tem como um dos seus objetivos a oferta de diversos materiais de acesso à informação, como livros, audiolivros, e-books, filmes, sem distinção de gêneros, a atividades como debates e palestras que perpassará pelos assuntos mais ocorrente naquela comunidade como: violência infantil e doméstica, bullying, a fim de garantir o acesso às informações, prevenção, empoderamento e defesa. A meta 5.b aumentar o uso de tecnologias de base, em particular as

1 O projeto está alinhado aos objetivos da Agenda 2030, pois era uma exigência do Programa de Ajuda do Iberbiblioteca 2022 no qual este projeto foi submetido.

tecnologias de informação e comunicação, para promover o empoderamento das mulheres. O projeto Biblioteca em Movimento tem como um dos seus objetivos a oferta de outros materiais de acesso à informação, audiolivros e e-books, filmes e debates, observando a igualdade de gênero, portanto, juntamente com a oferta do acervo físico, estimular e ofertar aos alunos das unidades atendidas, promovendo debate e discussão de combate à violência doméstica às mulheres, a fim de garantir o acesso às informações de auxílio, prevenção, empoderamento e defesa com abusos/violência. (Nações Unidas Brasil. ODS).

ODS 10 – Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles; O projeto Biblioteca em Movimento, tem como um dos seus objetivos garantir o acesso ao bem cultural (Livro) a todos, independente de gênero, raça, religião, classe social e deficiência, garantindo a equidade e atendimento às necessidades específicas de cada usuário. As metas 10.2/3, se relaciona com o projeto, pois tem como um dos seus objetivos garantir o acesso aos bens da culturais da biblioteca a todos, independente de gênero, raça, religião, classe social e deficiência, garantindo a equidade e atendimento às necessidades específicas, e promovendo por meio da leitura o empoderamento e inclusão social. (Nações Unidas Brasil. ODS).

Ler é fundamental, ler é preciso, como diria o poeta, e Maria Luiza Bretas, considerando os estudos de Maria Helena Martins, discorre sobre os três níveis da leitura: o sensorial, o emocional e o racional. Nossa intenção não é aprofundar nesses níveis, mas citá-los para reforçar a importância da leitura literária para a formação de um cidadão mais humano e ser capaz de ler a sua realidade, buscando com as informações adquiridas por meio da leitura transformar realidades lidas e interpretadas (Bretas, 2014, p. 25).

O acesso ao bem cultural livro é outra questão fundamental e, por isso, uma responsabilidade do poder público. A Biblioteca Pública, nesse caso, representa o poder público e, portanto, tem a responsabilidade, enquanto equipamento cultural, de ser esse ponto de apoio e encontro para fomentar a leitura por prazer, popularizando o livro, sem se abdicar de seu compromisso com o saber e com a arte, que são fundamentais para a constituição de todos (Zilberman, 2010). Como menciona Castrillón (2011), recorreremos aos pensadores, educadores e filósofos que reconhecem as ações de leitura como caminho para construção de uma sociedade consciente e mais humana, e cada indivíduo tendo acesso ao bem cultural livro e a liberdade de ler e com pensamento crítico que se forja com as informações e conhecimentos por meio das leituras, confirmar-se como esse ser de relações que somos, portanto, “ler é somar-se ao outro, é confrontar-se com a experiência que o outro nos certifica... a leitura, pelo que existe de individual e ao mesmo tempo de social, nos remete ao en-

contro das diferenças enquanto nos abre em liberdade para vivê-las em plenitude” (Castrillón, 2011, p. 9).

No âmbito do projeto, as Rodas de Leitura, debates e discussões serão formas de mediação do texto e também ajudarão à equipe executora da ação mensurar os resultados quantitativos, por meio do quantitativo de participações ativas e depoimentos dos alunos. Na mensuração dos resultados qualitativos, poderão ser considerados o depoimento dos professores e dos gestores, as participações nas Rodas de Leitura, bem como a Culminância do Projeto que contará com a participação de toda comunidade escolar com apresentação artística, e cultural como saraus, declamações, música, dança, teatro.

DESENVOLVIMENTO

Como já dito, o projeto *Biblioteca em Movimento* será desenvolvido pela Biblioteca Municipal Professor Josino Bretas como medida de enfrentamento à falta de acesso à informação/formação por meio do acesso aos livros no município de Caldas Novas, por meio da oferta e promoção de atividades com livros físicos, e-books, audiolivros, filmes, palestras, contação de história para alunos da rede municipal de ensino de 4 escolas públicas de bairros periféricos da cidade. O projeto atenderá o público-alvo alunos de 4 escolas nos bairros mais afastados do centro, e compõe as seguintes fases:

A primeira fase refere-se à viabilidade financeira do projeto e, por isso, recebeu o nome de *Fase de Captação de Recursos e Parcerias*. Para ela, foram preparadas apresentações do projeto, posteriormente levadas a potenciais parceiros do Setor Público (desde a Secretaria com a qual está vinculada, passando pelos servidores que atuarão na iniciativa) e do Setor Privado. Para esta etapa, também são realizadas formações da equipe e faz-se um diagnóstico do acervo, com curadoria e preparação.

Concluída a curadoria/aquisição e organização do acervo itinerante, inicia-se a *Fase de apresentação nas escolas selecionadas*, inicialmente com apresentação aos gestores, privilegiando o diálogo com os sujeitos que atuam nos territórios, seguida da apresentação do projeto à toda a comunidade escolar, assumindo como base o diálogo e o estímulo à leitura. Após essa fase de aproximação da comunidade ao projeto, será iniciada a *Fase de execução do projeto com as escolas*, com a) Divulgação do Roteiro e Programação das atividades da Biblioteca In Movimento; b) Escola 1 - Oficina de vocalização de Poesia / contação de história / oficina de performance teatral; c) Escola 2 - Oficina de vocalização de Poesia / contação de história / oficina de performance teatral; d) Escola 3 - Oficina de vocalização de Poesia / contação de história / oficina de performance teatral; e) Escola 4 - Oficina de vocalização de Poesia / contação de história / oficina de performance teatral; f) Culminância dos Projetos - Sarau Cultural, artístico e cultural, na escola aberto para a comunidade.

Por fim, o projeto terá sua última etapa com a *Fase de avaliação e socialização dos resultados*. A avaliação parcial dos resultados e avaliação final, com apresentação dos resultados quantitativos e qualitativos.

A pesquisa com a comunidade escolar será feita por meio de um questionário online que será enviado às escolas mencionadas, perguntando aos gestores e comunidade escolar quais títulos eles leriam se tivessem como ter o livro em mãos. Uma proposta de cronograma está em elaboração, pois dependemos da aprovação deste projeto para prosseguir. A avaliação será mensurada por meio de uma culminância em que a comunidade escolar compartilhará aos gestores e familiares seu aprendizado por meio de apresentações culturais e artísticas, Rodas de Leituras, debates etc.

O Projeto tem como meta atender aproximadamente mil e quatrocentos (1400) alunos de quatro escolas do ensino fundamental I e II, da Rede Pública Municipal de Ensino, no período de 11 meses.

Recursos materiais

- 200 Exemplares de livros literário para o período da execução do Projeto na Unidade Escolar;
- 1 Projetor;
- 1 Caixa de som com microfone;
- 1 Sala com capacidade para acolher 35 alunos

Recursos humanos

- 1 Escritor que ministrará a oficina de Escrita Criativa;
- 1 Contadora de História (atriz) oficina de Teatro e contação de histórias;
- 2 Assistentes administrativos.

SUGESTÃO DE CRONOGRAMA

Atividade	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun
Elaboração do Projeto - escrita	X					
Parcerias		X				
Apresentação do Projeto às Unidades Escolares			X			
Preparação e organização das atividades				X		

Atividade	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun
Execução do Projeto na Unidade 1					X	
Execução do Projeto na Unidade 2						X
Execução do Projeto na Unidade 3						
Execução do Projeto na Unidade 4						
Avaliação e apresentação do Relatório						

REFERÊNCIAS

BRETAS, Maria Luiza Batista. **Cinco diálogos sobre o livro e a leitura**: entrevista com especialistas franceses. Goiânia: Cãnone editorial, 2013.

BRETAS, Maria Luiza Batista. **Ler é preciso**: políticas de fomento à leitura, perspectivas e desafios. Goiânia: Cãnone editorial, 2014.

BRETAS, Maria Luiza Batista. **Leitura é fundamental**: desafios na formação de jovens leitores. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

KOONTZ, Christie; Gubbin, Barbara (Org.). **Diretrizes da IFLA para Bibliotecas Públicas**. Brasília: Brique de Lemos, 2012.

NAÇÕES Unidas Brasil. **Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil**. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>> Acesso em: 05 set 2022.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: Ibpex, 2010.

CAPÍTULO 3

DANDO VOZ AO SILÊNCIO: REVISITANDO O CÂNONE LITERÁRIO NA ESCOLA

Juliana Felix Henrique de Almeida Rego

Doutora no PPG em Ciências da Literatura (UFRJ), desenvolve pesquisa sobre a formação do leitor literário no ensino médio e educação literária. É mestre em Letras (UERJ), especialista em Língua Portuguesa (Liceu Literário Português), em Gestão Escolar (ISERJ) e Tradução (UNESA), e graduação em Letras (UERJ). Atua como professora da rede básica de ensino há mais de 10 anos, realiza formação de professores e é professora convidada do PPG em Memória e Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa. É também integrante do grupo de pesquisa EnLIJI - Encontros com a Literatura Infantil/Juvenil: ficção, teorias e práticas (UERJ), do LEPELL - Laboratório de Estudos de Práticas Educativas em Língua Portuguesa e Literatura (Colégio Pedro II) e do Laboratório da Palavras (UFRJ). E-mail: profajufelix@gmail.com

Ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente.

Michèle Petit

INTRODUÇÃO

A leitura é um importante meio de apreensão do mundo. Desde muito cedo lemos e somos lidos. Ao longo da vida, vamos aprimorando nossa capacidade de ler o mundo que nos cerca e expandindo as possibilidades de leitura. A leitura de mundo precede a leitura da palavra, *palavramundo* (Freire, 1989). Ler é compreender e é na escola que aprendemos a ler como um sistema. Aprendemos a reconhecer o código, decodificá-lo e recodificar, ou seja, ler e escrever. Aprendemos também a perceber os efeitos de sentido criados a partir dos arranjos elaborados dentro desse código para, em um momento posterior, desenvolver nosso senso crítico acerca do que estamos lendo e produzindo. Portanto, ler é um ato político e, dessa forma, deve ser entendido dentro de um contexto.

Aprender a ler, considerando seu conceito mais amplo, é um processo de assimilação de um sistema que acontece por meio de uma língua artificial e de um agente. Esse processo tem início de forma natural, mas o seu desenvolver e aprofundar não. Os agentes de formação de leitores, ou seja, os incentivadores da leitura, são, a princípio, dois: a família, primeiro, e a escola em seguida. Segundo Abreu (2012), existe diferença entre leitor e um decifrador de um código; este decodifica um sistema linguístico, como a língua portuguesa, e aquele depreende sentidos da leitura. Ler não é natural, é algo que se aprende e desenvolve.

Por meio das narrativas, aprendemos a nos conhecer e nos reconhecermos parte de um grupo social, de um determinado contexto e época. São as histórias que nos contam ou lemos que nos auxiliam a construir nossa imagem, a nos perceber como indivíduos. Assim, ao compreendermos o mundo que nos cerca, elaboramos possibilidades sobre quem somos, nossa origem e conseguimos refletir sobre como nos posicionar. Segundo Proença Filho, o discurso literário

se encontra a serviço da criação artística. O texto de literatura é um objeto de linguagem ao qual se associa uma representação de realidades físicas, sociais e emocionais mediatizadas pelas palavras da língua na configuração de um objeto estético. O texto repercute em nós na medida em que revele marcas profundas de psiquismo, coincidentes com as que em nós se abriguem como seres sociais. (Proença Filho, 2007, p. 7-8).

Assim, a literatura, como obra de arte, provoca em nós sentimentos, reflexões, reconhecimentos uma vez que a arte é uma forma de entendermos o mundo que nos cerca. A obra de arte é a representação estática, pronta e acabada do mundo em que estamos inseridos, e essa estabilidade nos ajuda a entendermos a instabilidade em que vivemos. A obra literária é um meio pelo qual podemos perceber o mundo externo a nós.

[...] ler permite ao leitor, às vezes, decifrar sua própria existência. É o texto que “lê” o leitor, de certo modo é ele que o revela; é o texto que sabe muito sobre o leitor, de regiões dele que ele mesmo não saberia nomear. As palavras do texto constituem o leitor, lhe dão um lugar. (Petit, 2009, p. 38)

A leitura literária também permite que consigamos entender o nosso mundo particular e ordenar o caos interior (Candido, 2004) ao nos proporcionar um horizonte de perspectivas e nos permitir entrar em contato com realidades das mais diversas. A literatura desvela o labirinto das paixões humanas, provoca empatia e causa reflexão. Para tanto, é importante ter contato com textos que são frutos de contextos variados, por possibilitar perceber ideologias diversas, uma vez que o texto é sempre produto de um indivíduo inserido em um determinado contexto. Assim, o leitor em formação poderá, de forma consciente, construir sua subjetividade, sua identidade, e, por consequência, ter uma atuação igualmente consciente como ser social.

Compreendemos que por meio da leitura, mesmo esporádica, podem estar mais preparados para resistir aos processos de marginalização. Compreendemos que ela os ajuda a se construir, a imaginar outras possibilidades, a sonhar. A encontrar um sentido. A encontrar mobilidade no tabuleiro social. A encontrar a distância que dá sentido ao humor. E a pensar, nesses tempos em que o pensamento se faz raro. Estou convencida de que a leitura, em particular a leitura de livros, pode ajudar os jovens a serem mais autônomos e não apenas objetos de discursos repressivos ou paternalistas. (Petit, 2009, p. 19)

É, portanto, a escola um espaço privilegiado de acesso ao livro e as histórias que constituem desde muitos anos a(s) identidade(s) dos variados grupos, permitindo a permanência de *status quo* ou sua revisão. Sejam lendas ou romances de formação, foi por meio das narrativas que povos se uniram ou se distanciaram, valores foram perpetuados ou reformulados. No século XIX, com o projeto de estado-nação brasileiro, surge a primeira proposta de organização escolar dos saberes literários. Livros, narrativas e autores são selecionados com o intuito de, na escola, criar a identidade nacional. Surge assim um nacionalismo literário, ou um letramento nacional, com base em autores contemporâneos que, de alguma forma, tocam os indivíduos de sua época.

Contudo, toda seleção pressupõe uma exclusão, e ao definir o que deve ser lido, prioritariamente, pelos(as) alunos(as), como exemplaridade de qualidade literária, outros(as) autores(as) vão sendo ignorados desde então. Está aí uma hipótese (não a única) de o porquê, hoje em dia, a literatura ofertada nas escolas pode parecer tão desinteressante para os(as) alunos(as).

Portanto, este projeto se destina a alunos do ensino médio, visto que é lá que o ensino de literatura acontece de forma sistematizada dentro de uma disciplina declaradamente própria: aula de literatura. Também é no ensino médio que a formação leitora se pressupõe completa. Espera-se que ao chegar a esta etapa da escolarização, o(a) estudante já seja um leitor autônomo, apto a fazer suas escolhas e compreender de forma ampla a leitura estabelecendo, inclusive, relações internas e externas ao texto, o que já sabemos não acontecer plenamente.

Nesse sentido, o presente projeto tem como objetivo promover o encontro com textos de escritores(as) pouco visitados(as) na escola. Dessa forma, os leitores em formação terão a oportunidade de encontrar mundos menos hegemônicos e, talvez, mais próximos de sua realidade. Assim, acredito que o prazer de ler e o hábito da leitura será estimulado por meio da identificação com os personagens e universos presentes nos textos selecionados. Como objetivos específicos, pretendemos: Desenvolver a autonomia na escolha das leituras; Expandir suas possibilidades de inserção no mundo que o(a) cerca; Estimular a leitura crítica de textos variados partindo dos textos selecionados; Perceber a construção dos personagens e das narrativas dentro de uma perspectiva decolonial.

Para auxiliar nessa construção da autonomia leitora, no estímulo à leitura literária, por meio da identificação com os textos, a proposta é valorizar autores ditos periféricos como Lima Barreto, Pagu, (pensa um(a) autor(a) indígena e LGBTQI+). Para isso, os textos literários sugeridos são: *O homem que sabia javanês*, de Lima Barreto, o romance *Parque Industrial* de Patrícia Galvão (a Pagu), trechos escolhidos de *Quarto de Despejo*, de Maria Carolina de Jesus, e *Ideias para adiar o fim do mundo*, de Ailton Krenak, podendo incluir outros nomes e textos a critério do mediador. Aqui focaremos na mediação com o conto de Lima Barreto.

Como o estímulo à autonomia leitora começa pela seleção do que se quer ler, a liberdade de escolher e o estímulo ao livre pensamento, os textos aqui citados são exemplos do que se oferecerá para os alunos. Espera-se que eles escolham a leitura que será realizada pelo grupo, de forma diplomática e democrática, explorando ao máximo o diálogo e as negociações inerentes a este processo.

Michèle Petit fala da identificação do leitor com o texto ofertado. Houve momentos em nossa história em que a leitura ajudou na construção de uma identidade comum, e em outros em que os jovens buscam na literatura a singularidade de seu ser. Assim, segundo Petit (2009) ler, “em termos mais gerais, é um atalho que leva à elaboração de uma identidade singular, aberta, em movimento, evitando que se precipitem nos modelos preestabelecidos de identidade que asseguram seu pertencimento integral a um grupo, uma seita, uma etnia.” (Petit, 2009, p. 57)

A vista disso, a leitura escolar sempre foi desenvolvida e apresentada aos alunos dentro da perspectiva ideológica dominante. Como consequência, temos os textos considerados indispensáveis à boa formação dos nossos alunos

e que a forma como foram apresentados pode não ter contribuído como esperado para a construção da autonomia leitora dos nossos alunos. Além disso, a substituição do texto literário por outras linguagens, prática comum nas escolas devido a questões variadas que não cabe debater neste espaço, também pode e deve ser repensada, uma vez que, muitas vezes, atendeu a necessidade de controle imposta pela ideologia dominante, “É por essa razão que, ainda hoje [...] os poderes autoritários preferem difundir vídeos, fichas ou trechos escolhidos, acompanhados de sua interpretação e contendo a menor possibilidade de ‘jogo’, deixando ao leitor a mínima liberdade” (Petit, 2009, p. 26-27).

Portanto, como a presente proposta parte de um maior envolvimento do(a) leitor(a) em formação, é importante envolvê-lo na escolha dos textos lidos. O projeto poderá ser inserido no contexto dos itinerários formativos previstos pela formulação do Novo Ensino Médio e desenvolvido em encontros semanais, com duração de até 2 tempos de aula de 50 minutos cada (1h40min).

METODOLOGIA DE MEDIAÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO

A metodologia adotada é a proposta da sequência expandida apresentada por Rildo Cosson (2021) em *Letramento Literário: teoria e prática*. Dessa forma, o texto será sempre contextualizado e apresentado ao grupo de alunos de forma a estimular a curiosidade e buscar envolvê-los na leitura desde o primeiro momento.

Partindo do título do projeto, um primeiro passo é estimular o debate sobre o nome. Por que dar voz ao silêncio? O que isso significa? Deverá ser considerado pelo(a) mediador(a) as respostas dos participantes, considerando suas expectativas quanto ao que vivenciarão como experiência literária neste projeto.

A sequência expandida de Cosson (2021) passa pelas seguintes etapas:

- motivação;
- introdução;
- leitura;
- primeira interpretação;
- contextualização;
- segunda interpretação;
- expansão (aqui compararei com o filme produzido pelo MEC como adaptação do conto).

ETAPAS DE TRABALHO COM O TEXTO LITERÁRIO

Divulgação do projeto

O projeto é pensado para ser realizado dentro do ambiente escolar. Pode ser parte da rotina escolar, sendo então desenvolvido dentro dos tempos de aula ou em um horário complementar, como um contraturno, em um clube de leitura, ou ainda, como já citado, considerando o Novo Ensino Médio, como um componente de um itinerário formativo.

Para tal, pode se fazer a divulgação internamente na escola, e ainda com comunicados feitos às famílias, com no mínimo 15 dias antes do início. É possível também, dependendo da estrutura da escola, a divulgação em redes sociais no perfil da escola ou do projeto.

Motivação inicial: A seleção do que será lido

A primeira etapa de trabalho com o texto literário será a apresentação das possibilidades de leitura, ou seja, os textos pré-selecionados pelo mediador. Nesse primeiro encontro, os participantes terão o primeiro contato com os textos e poderão votar para a escolha do que será lido ou a ordem das leituras (caso o(a) mediador(a) tenha definido ler mais de um texto).

Espera-se que nesse momento os participantes dialoguem expondo sua opinião sobre o que está sendo apresentado como opções de leitura. É possível que algum integrante já tenha lido ou conheça por intermédio de outros textos o que está sendo apresentado. Nesse caso, espera-se que este possa apresentar argumentos que ajudem nas negociações dessa escolha de leitura.

Existe ainda a possibilidade de algum integrante indicar alguma leitura diferente do que está sendo apresentado. Nesse momento, caberá ao mediador avaliar a pertinência da sugestão, considerando e debatendo, inclusive, as motivações da sugestão. A escolha deve acontecer após um momento de debate diplomático, por meio de votação.

Início da leitura

Aqui partirei do texto escolhido, o conto de Lima Barreto, *O homem que sabia javanês*. Dessa forma, a introdução da leitura começará por desvendar o título do conto, levantando hipóteses sobre o que se os participantes imaginam que encontrarão no texto lido. Perguntas que podem ajudar nessa introdução:

- O que é javanês?
- Já ouviram falar da ilha de Java? Sabem onde fica?
- Por que será que o autor escolheu justamente o javanês?

Será interessante ter o registro dessas hipóteses para verificação ao final da leitura.

Desenvolvimento da leitura

Devido à extensão do conto e às possíveis dificuldades de leitura, acredita-se que para desenvolver a leitura completa em encontros semanais de no máximo dois tempos de aula (com 50 minutos cada), será necessário 1 ou 2 encontros.

Em síntese, o desenvolvimento da leitura se dará:

- I) seleção do texto, levantamento das hipóteses iniciais de leitura e início da leitura (um ou dois encontros semanais com dois tempos de 50 minutos cada - aqui vai depender do desenrolar da dinâmica, da participação e interação do grupo).
- II) conclusão da leitura e verificação das hipóteses de leitura levantadas no primeiro encontro (um ou dois encontros semanais com dois tempos de 50 minutos cada - aqui igualmente depende da interação do grupo).

CONCLUSÃO DA ATIVIDADE

Ao final da leitura, voltaremos a conversar sobre as percepções finais dos participantes. Nessa etapa, será interessante resgatar o registro inicial sobre as hipóteses dos participantes sobre o que encontrariam na leitura e verificar se foram confirmadas. Outro ponto importante seria retomar a conversa sobre o título do conto e debater o sentido do verbo *saber* empregado no título. Uma pergunta que pode ajudar a concluir esse debate é “Por que será que Lima Barreto usou o verbo *saber* e não *falar javanês*?”. Espera-se que essa pergunta abra um debate sobre as condições de vida do personagem principal e, por extensão, a questão do racismo no Brasil.

Após este momento, veremos o filme de mesmo nome produzido pelo MEC. Após este momento, será estimulado um debate entre os participantes sobre as aproximações e distanciamentos entre os dois textos. Espera-se que seja percebida a caracterização do personagem principal tanto no conto como no filme. Como trabalho de conclusão será pedido que o grupo refaça um trecho do filme, a sua escolha, uma gravação a ser realizada por eles, elaborando uma releitura, em diálogo também com o texto lido, a apresentar, de acordo com suas percepções, o personagem principal do texto.

A conclusão do projeto se dará, então, em três etapas:

- I) conclusão da leitura e um debate final sobre o texto (um encontro semanal com dois tempos de 50 minutos cada),
- II) assistir ao filme e debater as aproximações e distanciamentos com o texto (um encontro semanal com dois tempos de 50 minutos cada),

III) a produção de um novo texto/filme e exibição do novo filme produzido (os três últimos encontros semanais com dois tempos de 50 minutos cada).

Pode-se observar que o desenvolvimento aqui apresentado para o trabalho de leitura do texto literário considerou o embate com outros leitores que não estão presentes (o diretor do filme ou equipe que fez sua leitura do texto de Lima Barreto e o adaptou para outra linguagem com base no seu entendimento) e a construção de outro significado. Sendo assim, caso seja possível optar por mais um texto, seria interessante explorar essa leitura de outros leitores em linguagens diferentes como texto, exposição de arte, música... enfim, o que o mediador considerar pertinente e possível na sua realidade e do grupo.

Recursos

O projeto prevê no mínimo 10 participantes e no máximo 20. Portanto, será necessário:

- 10 a 20 cópias do conto;
- 1 Projetor;
- 2 Caixas de som;
- Sala com capacidade para acolher até 20 alunos;
- Câmera.

CRONOGRAMA

Atividade	Janeiro	Fevereiro	Março
Divulgação do projeto e inscrição dos participantes	X		
Início e desenvolvimento do projeto - encontros para leitura conjunta e debates sobre a leitura.		X	
Conclusão do projeto - comentário final e elaboração do novo filme			X

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentar aos alunos textos periféricos, não canônicos ou de pouco destaque dentro do tradicional ensino da história da literatura é essencial para a formação crítica do leitor, especialmente no Ensino Médio, etapa tão importante de conclusão da Educação Básica.

Estes textos auxiliam na construção da sua subjetividade ao propiciar o encontro consigo mesmo ou ainda com o outro. Ver-se nos textos é importante, ajuda na construção da valorização de um povo, de sua etnia. Ver o outro é igualmente importante por possibilitar compreender a pluralidade em que se está inserido. Compreender a desigualdade de condições de vida, algo que a literatura pode promover, é o primeiro passo para a inserção do jovem, enquanto leitor crítico, na sociedade.

O leitor crítico é também um cidadão mais consciente de seus direitos e deveres em sociedade. É capaz de se posicionar de forma coerente, respeitosa e empática contribuindo de forma consistente nas questões que precisam de participação.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maria Tereza Tedesco. **Competência e habilidades para a leitura na perspectiva do(s) letramento(s)**. In: Língua portuguesa e ensino: reflexões e propostas sobre a prática pedagógica/ Darcília Simões (org.). São Paulo: Factash Editora, 2012.

BARRETO, Lima. **O homem que sabia javanês**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000165.pdf> Acesso em: 10.05.2022

BRASIL. **O homem que sabia javanês**. Disponível em: https://youtu.be/_nXW4IwtJLA Acesso em: 15.06.2022.

CANDIDO, Antonio. **Do direito à literatura**. In: Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 171-193.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2021.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**. São Paulo: Editora 34, 2009.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. São Paulo: Ática, 2007.

CRIANÇA APRENDENDO COM CRIANÇA: UMA LEITURA PRAZEROSA

Kênia Mara da Costa Jacob Silva

Kênia Mara da Costa Jacob Silva é paulista, mas goiana de coração, casada, mãe do Miguel Henrique e da Manuela. Graduada em Letras (UFG - CAC) e Pedagogia (IESA). Especialista em Linguística Aplicada (UFU). Pós-Graduada em Língua Portuguesa (USO), Especialista em Metodologia do Ensino Fundamental (UFG). Foi Membro do Conselho Municipal de Educação (2010-2012). Membro da Câmara Específica de Acompanhamento, Controle Social, Comprovação e Fiscalização dos Recursos do FUNDEB (2012-2014). Professora concursada da Prefeitura Municipal de Catalão-GO, desde 2002, trabalhando no Ensino Fundamental I, II, EJA e atualmente, professora na Educação Infantil. Foi orientadora do Pacto pela Alfabetização na Idade Certa- PNAIC - MEC- para Professores da Alfabetização dos 1º, 2º e 3º anos das Escolas Municipais de Catalão (2014 - 2017). Premiada duas vezes com o Prêmio Professores do Brasil - MEC - anos 2008 e 2012 com projetos inovadores e comprometidos com o ensino/aprendizagem e realizados com muito bons resultados em sala de aula, em duas escolas municipais de Catalão - GO. Atualmente faço mestrado em Educação -na UFCAT (2022 - 2023) por acreditar que precisamos sempre nos atualizar, aprender para um ensinar significativo e comprometido com a aprendizagem dos alunos. Minha pesquisa é sobre análise dos livros literários dentro do tema “A descoberta de si” do PNLD 2018 - Literário com um olhar sobre a formação leitora. Email: professorakeniamara@gmail.com

Todas as formas de ler valem a pena. Todas as formas de ler são diálogos entre o passado e o presente. Todas as formas de ler são modos de compartilhar saberes, experiências e concepções da vida e do mundo.

Rildo Cosson

INTRODUÇÃO

A leitura do texto literário precisa fazer parte do cotidiano escolar para que o universo encantador que o livro ajuda a promover seja experimentado, de forma contínua e democrática, por todas as crianças e jovens. No contexto escolar, essa inserção às práticas de leitura deve ser iniciada desde a Educação Infantil, compreendendo seu atendimento a bebês, crianças pequenas e bem pequenas², por meio da criação de ambientes propícios à escuta e leitura, com a presença do livro e contação de histórias, estimulando o protagonismo dos pequenos leitores e integrando-os às dinâmicas da cultura letrada.

Ainda que a criança ou o bebê não leia a palavra escrita, apresentar o texto literário, seja por meio da leitura do professor, da contação de histórias, da declamação e da teatralização, proporcionará a elas experiências leitoras. Afinal, como afirma Freire (1989), a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Por isso, a importância de levarmos livros às crianças, inserindo-as em práticas de leitura intencionais que integrem o toque das páginas, a escuta do texto literário, a observação do professor ou da professora que segura o livro nas mãos, as dinâmicas de conversas sobre livros, a valorização da ilustração, a concepção de autoria das histórias, entre outras ações. Desse modo, mesmo crianças e bebês que não leem a palavra escrita terão acesso a uma formação que as integra à cultura livresca, desenvolvendo a linguagem, os sentidos, a sensibilidade, que favorece a ampliação da leitura de mundo e a experiência leitora da criança.

Para refletir o exposto, é preciso considerar o que significa a palavra leitura. De origem latina, ler vem de *lectura*, sinônimo de escolha, eleição (Britto, 2012). Assim, quando um educador que atua na Educação Infantil promove a presença do texto literário para a criança, por decorrência, contribui com experiências de seleção que a própria criança faz no contato com o texto, construção do sentido da criança sobre si, sobre o outro e sobre o mundo que a cerca. Então, mesmo não lendo as palavras escritas, as crianças podem dar sentido ao que ela está vendo/lendo no livro ou ouvindo por meio de uma história contada. Abramovich (1989) afirma que esses livros, feitos para crianças pequenas e que podem encantar aos de qualquer idade, são sobretudo experiência de olhar, de um olhar múltiplo, pois se vê com os olhos do autor e do olhador/leitor, ambos enxergando o mundo e as personagens de modo diferente, conforme percebem esse mundo.

A leitura do texto literário e a contação de histórias também são práticas importantes para o desenvolvimento da linguagem da criança e vinculam-se,

2 Aqui, chamaremos os alunos de bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas seguindo as denominações que a Base Nacional Comum Curricular para cada faixa etária dos alunos da Educação Infantil.

especialmente, embora não exclusivamente, a um dos cinco campos de experiências previstos na Base Nacional Curricular Comum para a Educação Infantil: *Escuta, fala, pensamento e imaginação*. A BNCC alinha-se ao texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que evidencia a importância aprendizagem da linguagem às crianças:

A aprendizagem da linguagem oral e escrita é um dos elementos importantes para as crianças ampliarem suas possibilidades de inserção e de participação nas diversas práticas sociais [...] importância para a formação do sujeito, para a interação com as outras pessoas, na orientação das ações das crianças, na construção de muitos conhecimentos e no desenvolvimento do pensamento. (Brasil, 1998, p. 117)

Considerando a desigualdade social que se tem no Brasil, bebês e crianças não têm as mesmas condições de acesso ao livro e à leitura em casa e esse é mais um motivo para que as instituições de ensino e os educadores que nelas atuam assumam o compromisso de promover o texto literário desde a mais tenra idade, com intencionalidade e continuamente. É na escola que as experiências adquiridas pela criança são ampliadas e, muitas vezes, acessadas de forma exclusiva, daí a importância de o professor levar livros às crianças mesmo que ainda não sejam alfabetizadas, uma vez que “na educação infantil, ler com os ouvidos e escrever com a boca (situação em que a educadora se põe na função de enunciativa ou de escriba) é mais fundamental do que ler com os olhos e escrever com as próprias mãos.” (Britto, 2005, p. 18). Em proximidade a essas concepções, Cosson (2011) afirma que aprender a ler é mais do que adquirir uma habilidade. O fazer leitor envolve práticas sociais que medeiam e transformam as relações humanas.

Em razão de todo o exposto, a criança precisa acessar livros de gêneros variados e encontrar na Educação Infantil um trabalho de formação leitora intencional. Como não lemos da mesma maneira uma receita de bolo e um poema, por exemplo, a criança irá notar posturas diferentes do leitor no momento das diversas leituras. Desse modo, a leitura da criança passa a se constituir de interações com o texto e com o livro: observa detalhes da capa, das ilustrações, do uso da voz e da performance do leitor adulto quando este reproduz falas do narrador e das personagens. Aspectos que fazem parte do que Cosson (2011) chama de elementos que compõem a materialidade do texto.

Como vimos, a presença do texto literário na Educação Infantil contribui para a formação humana na medida em que a criança vivencia sentimentos, desenvolve a percepção de que existem diferentes visões de mundo, algumas contrastantes entre si, etc. Soma-se a isso o fato de que a exposição à leitura literária e escuta de histórias promove um encontro da criança com a palavra oralizada e escrita, potencializando o desenvolvimento da linguagem.

Diante da importância da literatura na Educação Infantil, este projeto apresenta uma proposta de letramento literário para crianças de 3 a 5 anos a partir do texto *As Tarraxinhas*, Tarcila Maria Teixeira. Elencamos como objetivo geral promover, no ambiente escolar, uma leitura prazerosa para crianças pequenas a partir do texto de uma criança autora, Tarcila Maria Teixeira. Além disso, também objetivamos: desenvolver a prática de escuta de histórias; promover o contato com livros, estimulando o manusear e fazer a leitura da letra e da ilustração; perceber a si e ao outro como sujeitos, valorizando e respeitando diferenças; aproximar as crianças leitoras ao universo da autoria do texto e; inserir a comunidade escolar em atividades do projeto de leitura.

METODOLOGIA DE MEDIAÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO

A literatura tem a função de tornar o mundo compreensível, e a experiência literária permite ao leitor perceber a si e a vida no contato com o texto escrito e ilustrado. Por isso, é necessário promover o letramento literário na escola, de modo que a relação do leitor com a literatura seja uma experiência única e não só resultado de um processo de alfabetização e de decodificação. Cosson (2011, p. 50) propõe que a sequência básica do letramento literário que se faz via textos literários, que na escola, é constituída por quatro passos básicos: motivação, introdução, leitura e interpretação. A motivação bem-sucedida é aquela que estabelece laços estreitos com o texto que se vai ler e para as crianças da educação infantil a motivação precisa ser diária o contato com diversos livros de diversos gêneros textuais.

Esse contato com os livros deve ser diário para todas as crianças, alfabetizadas ou não, pois, como afirma Maria Helena Martins (1992), o leitor pré-existe à descoberta do significado das palavras escritas. De tal modo que o ato de a professora ler e contar histórias contribui para o gosto pela leitura e garante o acesso das crianças aos livros, pois a leitura literária está imbuída de valores, sentidos e significados.

A partir da proposta de sequência básica para o letramento literária (Cosson, 2011), chamamos de introdução a apresentação do autor e da obra, independente da estratégia usada, evidenciando a importância de o professor apresentar o livro físico às crianças e promover o contato físico com a obra. Aqui vale a pena levar à biblioteca para a retirada do livro da estante, promover o contato e o manuseio com o acervo. Defendemos que o objeto livro seja manipulado pelas crianças nas mais diferentes idades, uma vez que a percepção de uma obra é elaborada com a junção dos sentidos da criança: o impacto visual, a textura das páginas, o cheiro do livro, etc.

Após a introdução, Cosson (2011) indica a leitura efetiva da obra seguida pela interpretação em dois momentos distintos: interno e externo. No momento interno, o autor entende que se trata do encontro individual do leitor com a

obra. O momento externo é a interpretação como um ato de produção de sentido do leitor para além de si. Nesse momento, é possível que o leitor identifique-se, encontre contrastes, observe estranhamentos.

No decorrer do projeto serão aplicadas as quatro etapas da sequência básica para o letramento literário e as crianças serão avaliadas de forma contínua, mediante observação, verificando seu desenvolvimento e motivação. Por meio de conversas sobre as leituras, será possível observar como as crianças estão construindo seus repertórios, percebendo as histórias e constituindo-se como leitores.

A escola é o lócus de conhecimento e, para que funcione como tal, esse ambiente precisa ensinar o aluno a fazer a exploração e interpretação que a leitura proporciona, de modo que a leitura cumpra sua função e amplie as experiências que o aluno traz consigo.

DESENVOLVIMENTO

O texto literário tem suas peculiaridades. Abramovich (1989) explica que, para aproveitar o texto, é bom que quem esteja contando crie todo um clima de envolvimento, de encantamento, que saiba dar pausas, criar os intervalos, respeitar o tempo para o imaginário de cada criança construir seu cenário visualizar monstros, criar dragões e outras coisas mais. Na Educação Infantil, podemos ver cotidianamente como as crianças gostam de leitura, de livros, de histórias seus olhinhos brilham no momento *Hora da História* e, com isso, os momentos de leitura são prazerosos sempre estão motivados a começar a ouvir uma nova história.

Como afirma Britto (2012), a formação do gosto (pela leitura) se relaciona às experiências culturais e intelectuais, com a inserção da pessoa num universo de relações complexas. Por isso, a leitura literária não pode ser algo pontual e descontinuado das demais práticas sociais da criança. No exercício de nossas funções como professores é essencial que a literatura esteja presente de forma intencional nos planos diários e na execução do planejamento.

O professor, como mediador na sala de referência, também seleciona os livros a que as crianças terão acesso. Por isso, é importante ressaltar que o mercado editorial de livros para bebês e crianças está cada vez mais amplo, incorporando elementos aos projetos gráficos das obras, os quais podem contribuir para ampliar os sentidos do texto. Cores, formatos, texturas, propostas interativas, palavras e ilustrações atuam juntas para promover o encantamento e a fascinação das crianças. A sensibilidade do professor ao ser curador do livro e mediador no momento de leitura favorece múltiplas experiências exitosas com o texto e tendem a estimular o fabular e o criar histórias, o verbalizar uma descoberta feita, o inventar e recontar as narrativas.

Construir um repertório amplo e contar com um acervo diverso no contexto escolar ampliam as condições de o professor selecionar obras significati-

vas, proporcionar a observação de diferentes elementos literários e promover o encantamento diante do texto. Com a intenção de produzir encantamento entre as crianças a partir do contato com a obra, propomos um trabalho com *As Tarraxinhas*, de Tarcila Maria Teixeira, nascida em Uberlândia-MG e residente em Catalão, estado de Goiás, há 10 anos. Uma proposta replicável em outros contextos com essa ou outras obras literárias.

A escolha da obra justifica-se devido ao tema, que possibilita às crianças de 3 a 5 anos uma reflexão acerca de sermos diferentes uns dos outros. Além disso, a autora é uma criança e mora na cidade de realização do projeto, possibilitando interações e um aprofundamento do que seja a relação autoria, livro e leitura. A narrativa visual da obra favorece a construção de sentidos, estimulando o imaginário e a interpretação das diversas camadas do texto. Na obra, a imaginação e a fantasia são usadas pela autora como forma de suavizar as durezas da realidade. Ao ler o livro, podemos encontrar a compreensão de que, mesmo sentindo-se diferente pelas perdas, incompletude e desorganizações impostas pela vida, é possível buscar/criar na fantasia a imaginação um mundo, um meio de ser feliz.

Assim, as crianças poderão aprender com a autora, que está tão próxima e é uma criança, que a leitura e escrita podem ser realizadas por todos e que a arte pode e deve estar distante da vida das pessoas.

ETAPAS DE TRABALHO COM O TEXTO LITERÁRIO

A leitura na sala de referência deve ser planejada e muito bem executada, com a reserva de um horário do dia para realizá-la. No caso desta proposta, será realizada após o recreio, na sala de Maternal II, composto por crianças de 03 anos, junto com o Jardim. Para seguir a sequência básica do letramento literário na escola, começaremos pelo primeiro passo: a motivação. Estimularemos as crianças a manusearem vários livros e lerem como um hábito diário. Levá-las à biblioteca deixar que escolham o livro nas estantes para lerem, proporcionar proximidade com o livro. Depois dessa etapa, a professora irá escolher um e ler a todos.

Depois de alguns dias consecutivos de visitas à biblioteca, será levada a protagonista do livro *As Tarraxinhas*, confeccionada de feltro. Indicamos deixar que peguem, brinquem e perguntar se alguém sabe quem é ela. Devemos ouvir as sugestões e dizer que ela voltará novamente no outro dia. No dia seguinte, falar que aquela boneca é personagem de um livro que está na biblioteca e propor ir até lá para procurarmos. Colocar vários livros do título na biblioteca. Deixá-los procurarem, quando encontrarem deixar que manuseiem.

Para a segunda etapa, da introdução, indicamos mostrar o livro, a capa, a contracapa, perguntar como é o papel que foi confeccionado. Além disso, apresentar a foto da autora do livro, falar sobre ela, sua idade, onde mora etc. e dizer que no outro dia ela visitará nossa escola. De certa forma, esse passo busca criar um clima de boa expectativa.

Em seguida, vamos convidar a autora, que é também uma criança, para participar de um momento em nossa aula. Assim, os alunos perceberão o que é um(a) autor(a). Fazer uma entrada da autora bem bonita com lanças confete, balões, preparar as crianças em roda.

Tarcila Teixeira, uma criança falando/ensinando outras crianças, assim ela contará como é seu momento de criação falar de suas outras obras. Pedir que a autora fale especificamente porque escreveu o livro *As Tarraxinhas*. Pedir que a autora conte a história para as crianças. Questionar como foi, como se deu a ideia de publicá-la. Convidá-la para conhecer nossa escola, nossa biblioteca, saber dela quais seus livros preferidos, procurar na biblioteca caso seja um título que tenhamos e mostrar aos alunos. Deixar as crianças fazerem as perguntas à autora num momento bastante interativo.

Vamos pedir que a Tarcila autografe os livros que a escola possui e explicar o que aquele ato representa. Além disso, preparar um lanche especial para todos, registrar o momento com filmes e fotos.

Na próxima aula pedir que os alunos desenhem que represente esse momento com Tarcila Teixeira. Fazer uma exposição desses trabalhos na escola.

Chegou o momento da leitura, deixar um tempo da aula para que leiam o livro novamente. Sentar-se com eles em uma rodinha e perguntar quem gostaria de falar o que leu... Deixá-los se expressarem incentivando a fala. Num outro momento, a professora fará novamente a leitura da história para os alunos. No dia seguinte, encenar com o auxílio de outras professoras da escola a história do livro com um ensaio prévio roteiro para encenação, produção e figurino próprio para a história. Ou ainda ensaiar e deixar que os alunos encenem a história.

O roteiro será adaptado para uma peça teatral. Para os figurinos, usaremos EVA (mas podem ser feitos com outros materiais) e haverá um painel sugestivo com as ilustrações do livro reproduzidas em tamanho maior para compor o cenário. Espera-se, em um outro dia, que após a leitura e posteriormente a encenação, aconteça o que Cosson afirma que há na interpretação: o momento interno, que é o encontro do leitor com a obra é individual, e segundo momento, o externo, que é a interpretação como um ato de produção de sentido. A junção das etapas contribui para a promoção do letramento literário, especialmente porque este possibilita uma metodologia de trabalho com o texto de literatura que, associado a outros saberes pedagógicos e especificidades da Educação Infantil podem gerar uma combinação muito pertinente para a promoção da educação literária e formação do leitor.

Em seguida, as crianças levarão o livro para casa com a orientação de contarem a história para seus familiares. Para isso, será enviada uma folha de papel e será pedido que façam um desenho sobre a história em família. Poderá ser sobre o que mais gostou, um personagem, algo que refletiram no processo interpretativo do texto. O objetivo é integrar a leitura ao contexto extra-escolar e estimular o vínculo entre leitor e obra por meio da imaginação. As crianças de-

verão trazer para a escola, no dia seguinte, os desenhos feitos em casa porque será organizada uma oficina com os desenhos.

Para termos um leitor literário que se apropria de forma autônoma, em um ensino significativo de literatura e posiciona-se diante da obra, é necessário uma caminhada de estímulo que se inicie desde a mais tenra idade. O caminho do letramento literário pode ser iniciado antes da alfabetização porque a prática da leitura é anterior a isso e precisa ser direcionado por professores conscientes da importância da literatura e da leitura para a experiência da criança. E, como o projeto proposto direciona-se a crianças pequenas, as experiências vividas na educação infantil precisam ser continuadas para que, ao longo dos anos, essa formação leitora seja significativa e encaminhe para a formação do leitor literário.

Dando continuidade e utilizando uma das propostas de atividades que Cosson (2011) sugere, haverá uma oficina final chamada *Dicionário*. Esta será adaptada para a faixa etária a que as crianças pertencem e consiste em selecionar as palavras que podem ser desconhecidas aos alunos do texto lido. Inicialmente as crianças serão estimuladas a falar sobre palavras desconhecidas, depois ouvimos a definição que algum aluno tenha e, em seguida, a professora fará a leitura da definição que está no dicionário.

Outra oficina inspirada no livro *Letramento Literário* (Cosson, 2011) é o *Mural da Leitura*, aqui também adaptado para as crianças. Consiste em uma folha de papel pardo colocado ao longo de uma parede na sala de aula. Nessa folha será afixado durante o projeto os registros das atividades realizadas em sala, os desenhos (feitos pelas crianças e suas famílias após a leitura do texto em casa), as palavras desconhecidas e seus significados.

Em uma das oficinas, as crianças serão escritoras e haverá um momento autoral, com as crianças como autoras do próprio texto e construtoras dos próprios livros. Em seguida, pode-se entregar folhas diagramadas para parecerem um livro, observando a disponibilidade de desenhar dos alunos nessa idade. Pedir que façam desenho do seu livro: vale recontar um livro ou cada um criar o seu próprio livro. Depois contar à professora e ela irá escrever o que o aluno contou abaixo do desenho. É importante no momento de confeccionar a capa o professor explicar que contém alguns elementos como nome do autor, ilustrador etc.

Fazer um momento de socialização dos livros bem interessante entre os alunos tendo como mediador a professora lendo e mostrando aos colegas o livro de cada um. Ao final, indicamos organizar uma tarde de autógrafa para convidados da escola, com uma decoração propícia para o momento e com a exposição dos trabalhos das crianças para toda a comunidade escolar e familiares. Deve-se preparar uma cerimônia para que cada criança tenha seu momento de autografar o livro para sua família. Por fim, registrar todos os momentos do projeto e nesse dia fazer uma exposição também das fotos de todas as etapas do projeto.

Recursos

- Exemplares do livro *As Tarraxinhas*, de Tarcila Maria Teixeira (ou cópias);
- Caixa de som;
- Figurino para encenar a história;
- Papel ofício;
- Celular para fotografar e gravar as etapas do projeto;
- Bexigas, lança confetes;
- Eva;
- Não tecido;
- Lápis de cor,

SUGESTÃO DE CRONOGRAMA

Atividade	1ª Semana	2ª Semana	3ª Semana	4ª Semana	5ª Semana
Apresentação do projeto	X				
Motivação	X				
Introdução		X			
Leitura			X	X	
Oficinas/ Tarde do autógrafo				X	X

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Isabel Solé (1998, p. 54) enfatiza que as experiências de leitura da criança no seio da família desempenham função importantíssima. Segundo a autora, tais oportunidades colaboram para oportunizar à criança experiências em que ela pode participar da leitura mesmo sem o domínio da linguagem escrita. Fanny Abramovich (1989 p. 23) evidencia que o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). E a autora relata como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias. Escutar as narrativas é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo.

Considerando a importância de um trabalho intencional com as crianças, este projeto apresentou uma proposta de letramento literário para crianças de 3 a 5 anos a partir do texto *As Tarraxinhas* de Tarcila Maria Teixeira no qual o professor proporciona o acesso ao livro e à leitura abrindo caminhos para que o texto literário esteja presente na escola e que as experiências adquiridas pelas crianças sejam vividas de forma a ampliar seu universo literário. O trabalho do professor é essencial para a promoção de projetos de leitura dessa natureza, no entanto, esse não pode ser um trabalho solitário e demanda envolvimento da escola e das redes, com disponibilidade de acervo e outros recursos de apoio.

Esta proposta de mediação do texto literário foi realizada a partir de uma obra específica, mas é também replicável com outros textos. Com foco em um trabalho intencional e metodologia consistente, a literatura na Educação Infantil poderá gerar impactos para toda a trajetória leitora do sujeito. Por isso, investir em propostas significativas e mobilizadoras são essenciais à formação do leitor e contribuem para um fazer pedagógico mais assertivo em relação à educação literária.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: Gostosuras e Bobices. São Paulo, Editora Scipione, 1989.

BRASIL, **LDB**: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Inquietudes e desacordos**: a leitura além do óbvio. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Letramento e Alfabetização: implicações para a educação infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO, Suely Amaral. (Org.) *O mundo da escrita no universo da pequena infância*. São Paulo: Autores Associados, 2005. p. 5-21.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática / Rildo Cosson. 2. Ed., 1ª impressão. São Paulo: Contexto, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo, Cortez Editora, 1989.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**: Coleção Primeiros Passos. 7ª. Ed., São Paulo, Editora Brasiliense, 1986.

TEIXEIRA, Tarcila Maria. **As Tarraxinhas**. São Paulo, Scortecci Editora, 2018.

CAPÍTULO 5

A MÁGICA AVENTURA DE (RE)VIVER: MEMÓRIA E CULTURA EM INDEZ, DE BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS

Luciana Oliveira Félix

Licenciada em Letras Português e Inglês pela Universidade Federal de Goiás, UFG, 2021. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão, UFCAT, realiza pesquisas na área da literatura infantil e juvenil. Atualmente, desenvolve um trabalho de pesquisa que analisa produções literárias de Bartolomeu Campos de Queirós e João Anzanello Carrascoza voltadas ao público jovem.

Em tardes de domingo, sempre muito longas e vestidas de sossego, a mãe se fazia criança para os filhos. (...) Com anilina para doces a mãe coloria as águas do tanque, uma cor de cada vez, e mergulhava as alvas galinhas legornes em banho colorido: azul, verde, amarelo, vermelho, roxo. Em pouco tempo o quintal, como por milagre, era pátio de castelo, povoado de aves - legornes agora raras - desenhadas em livro de fadas. Ficava tudo encantamento. Não havia livro, mesmo aqueles vindos de muito longe, com história mais bonita do que as que a mãe sabia fazer.

Bartolomeu Campos de Queirós

INTRODUÇÃO

Quem nunca desejou viver histórias de outras épocas, outros mundos ou outras pessoas? Pelo menos uma vez na vida, todos experimentamos tal desejo, em busca, talvez, de um contexto mais feliz. O grande sucesso alcançado por filmes, documentários e livros que apresentam a possibilidade de deslocamento da vida real, como aqueles que exploram viagens no tempo, a lugares misteriosos e mágicos, a outros planetas ou, até mesmo, a outras dimensões é uma prova de que as pessoas, realmente, sentem prazer em se imaginar vivendo outra vida.

Filmes e documentários têm em comum a exploração de recursos imagéticos, sonoros e humanos em suas construções. O telespectador, de certo modo, não precisa ligar-se à história que está sendo contada, pois, como o próprio substantivo *telespectador* indica, ele está apenas assistindo, com um certo distanciamento, ao desenrolar de uma trama. Esta, aliás, costuma envolver um enredo dinâmico, em que o movimento de luzes, sons e efeitos especiais são poderosos aliados na difícil missão de captar e, principalmente, manter a atenção do público. O livro, por outro lado, conta quase exclusivamente com a força expressiva da linguagem escrita, nesta difícil tarefa de cativar seus leitores.

O mergulho no universo da obra, dando asas à imaginação, faz com que leitores de todas as idades possam vivenciar o prazer de se sentirem parte da história. Durante a leitura de um texto literário, a imaginação alça um voo livre, governado apenas pela interpretação e pelas impressões que o leitor vai construindo, diante daquilo que está lendo. Como afirmava o escritor mineiro Bartolomeu Campos de Queirós, “se a escrita não permite voos aos leitores ela não é literária” (Queirós, 2019, p. 76). Graças ao seu incrível potencial para despertar os instintos da criatividade humana, a literatura sempre teve um lugar reservado nos corações de milhões de pessoas em todo o mundo, inspirando ferrenhos defensores, dentre estes, inúmeros professores, escritores e leitores, como Bartolomeu Campos de Queirós.

Nascido na cidade de Papagaios em 25 de agosto de 1944 e falecido em Belo Horizonte em 16 de janeiro de 2012, Queirós possui uma escrita repleta de lirismo, em grande parte, devido à sua habilidade com o gênero prosa poética e ao seu cuidado extremo com a palavra, qualidades que lhe valeram a alcaúna de *artesão da palavra*. Talento reconhecido, nacional e internacionalmente, através de premiações como o *Chevalier de L'ordre des Arts et des Lettres* (França), o prêmio Jabuti, o Prêmio São Paulo de Literatura e outros, Queirós foi, também, participante ativo do *Movimento por um Brasil Literário* e defendia, como Antonio Candido, que a literatura é um direito de todas as pessoas.

De acordo com Queirós (2019), a literatura é capaz de abrigar as experiências do leitor sem ignorar suas particularidades, o que abriria espaços para um conhecimento mais amplo do sujeito. Local de acolhimento das diferenças

e palco para as mais profundas discussões humanas, a literatura é, também, um lugar para a preservação de memórias. Vários escritores já empregaram aspectos memorialísticos em suas obras. O próprio Bartolomeu Campos já confessou, em diversas entrevistas e, também, nas páginas de alguns de seus livros, haver explorado esse aspecto em sua escrita.

Em trabalhos publicados no Catálogo de teses e dissertações da Capes, o autor possui algumas obras consideradas como integrantes de um *ciclo memorialístico*. Como afirma Márcia Cristiane da Fonseca Paiva, o autor “mescla a autobiografia, a biografia, a autoficção, a ficção e a prosa-poética para contar suas histórias. Há um misto de ficção e realidade que encanta e nos fascina. Os elementos biográficos estão presentes tanto na confecção de seus personagens quanto no desenvolvimento de seus enredos” (Paiva, 2018, p. 50). As características memorialísticas, nas produções queirosianas, podem ser observadas em *O olho de vidro do meu avô* (1995), *Ler, escrever e fazer conta de cabeça* (1996), *Antes do depois* (2006) e *Vermelho Amargo* (2011), dentre outras.

Considerando a grande importância do rememorar e do esquecer para o processo de constituição identitária, sugerimos a utilização da obra *Indez* (2004), de Bartolomeu Campos de Queirós, em uma proposta de mediação do texto literário que envolva os membros de uma comunidade de idosos, podendo esta ser uma associação de idosos, um abrigo ou lar de idosos. Reunindo pessoas a partir de 45 anos de idade, as quais possuem o desejo de confraternizar e compartilhar momentos de socialização e aprendizado, as associações de idosos costumam ser ações sociais promovidas pelo poder público. Os abrigos, asilos e lares para idosos, por sua vez, são instituições que podem ser mantidas pelo poder público ou por iniciativa privada, e que servem como moradia para pessoas idosas, carentes, sem amparo familiar.

A seleção de *Indez* (2004) deve-se ao seu forte aspecto memorialista, proveniente do foco de seu autor em suas próprias memórias de infância, utilizadas como ponto de partida para o trabalho literário. Obras com elementos memorialísticos possuem, naturalmente, um grande potencial para promover uma maior identificação entre leitor/obra, pois todas as pessoas são constituídas por memórias, sejam estas lembranças felizes ou não. No caso de *Indez* (2004), Queirós evoca reminiscências de um passado distante, de momentos, pessoas e lugares que marcaram sua existência, para construir uma narrativa repleta de afeto e, principalmente, de fantasia, já que, como todos sabemos, quando o assunto é rememorar o passado, é impossível se lembrar de tudo.

Como já mencionado, Queirós nasceu em uma pequena cidade mineira, havendo, portanto, em sua narrativa, diversos elementos que remetem a este ambiente, como as credices populares, a religiosidade acentuada, a vida pacata de quem cresceu brincando livre pelas ruas ou correndo pelos quintais amplos e repletos de árvores frutíferas, etc. Quando existe entre leitor e obra uma relação de proximidade, as probabilidades de identificação podem aumentar

bastante, o que poderá impactar, também, no interesse pela leitura. Este projeto de mediação de leitura destina-se, sobretudo, ao público idoso, para quem a rememoração de fatos passados costuma adquirir um forte valor sentimental, dada a saudade do convívio familiar e da infância distante, mas poderá, também, ser aplicado a um público mais jovem, cujo arcabouço de memórias ainda esteja em franca construção e cuja necessidade de criar, ou fortalecer, laços de afeto nunca foi tão essencial.

O diálogo autor/leitor, pelos caminhos da literatura, resulta de um longo processo de construção de conhecimentos, que vem não apenas da leitura de textos, mas de uma *bagagem* de vivências literárias e experiências de vida que o leitor traz consigo. As experiências de leitura e interpretação, como parte dessa bagagem, são construídas desde a mais tenra idade, afinal, como afirma Queirós (2019), o primeiro exercício de interpretação que praticamos na vida é o de interpretar as expressões faciais e os gestos dos nossos pais ou responsáveis. É assim que as expressões de satisfação ou desagrado, carinho ou desprezo, raiva ou serenidade vão, aos poucos, influenciando o comportamento da criança, ao longo do seu crescimento, e é assim, também, que a bagagem cultural do indivíduo, enquanto leitor de mundo, vai se consolidando.

Entretanto, o exercício de interpretação e o prazer ocasionado pela leitura de uma obra literária são experiências que não devem ser consideradas uma exclusividade dos públicos jovens, mas, sim, um direito universal que inclui, também, os leitores mais velhos. Embora várias das publicações de Queirós tenham recebido a classificação *literatura infantil*, o autor fazia questão de afirmar que sua obra não era endereçada a este ou àquele público em particular, já que sua intenção, ao escrever, era produzir um texto que “tanto permita a entrada da criança como também acorde a infância que mora em todo adulto” (Queirós, 2019, p. 76).

Portanto, a formulação deste projeto de leitura e mediação do texto literário, pensado para um público de idosos, se justifica pela relevância social do processo de rememoração do passado, especialmente importante para um grupo de pessoas cuja faixa etária, ao mesmo tempo que as faz detentoras de uma vasta bagagem de memórias, também as sujeita às perdas provocadas pelo esquecimento. A relação memória/esquecimento/identidade já foi analisada por estudiosos de diversas áreas, notadamente, da área das ciências sociais e humanas, devido às estreitas relações entre tais temáticas. Jacques Le Goff destaca a importância da memória para a constituição identitária ao afirmar que esta é “um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (Le Goff, 2003, p. 469).

Em seu trabalho de escrita, Queirós também faz questão de destacar a importância dada à memória, assim descrita por ele, em outro momento: “Memória é biblioteca sem livros” (Queirós, 2006, p. 11). A metáfora de Queirós é

plena de sentidos: vista, desde a antiguidade clássica, como símbolo de sabedoria, a biblioteca era, também, o repositório de todo o conhecimento acumulado pela humanidade. Assim, a “biblioteca da memória” é, por extensão, a fonte de todo o conhecimento de mundo que cada indivíduo constrói ao longo da vida.

Todos somos, portanto, constituídos por nossas memórias. A memória define o indivíduo e determina seu lugar no mundo, orientando o seu posicionamento diante do outro. É por estas e outras razões, que o trabalho com textos literários envolvendo a temática memorialista assume grande importância. Como bem afirma Marisa Lajolo, “lê-se para entender o mundo, para viver melhor” (Lajolo, 2002, p. 7). Portanto, espera-se, após a realização do trabalho de mediação aqui proposto, que as pessoas envolvidas sejam capazes de rememorar os momentos marcantes de suas infâncias, trazendo para o presente lembranças há muito esquecidas, a fim de compartilhar momentos de afetividade e socialização com todos ao seu redor.

Para tanto, temos como objetivo principal trabalhar a obra *Indez* (2004) em um projeto de mediação de leitura, junto aos participantes de uma associação de idosos, com o intuito de despertar no público-alvo o desejo de rememorar e compartilhar momentos da infância ou de outras épocas passadas da vida, a fim de que, pelo processo de autoidentificação com a obra e seu autor, sejam trazidos à tona sentimentos adormecidos e emoções que marcaram seus percursos de vida.

Em *Indez* (2004), Queirós narra a trajetória de um menino, Antônio, nascido prematuramente, em uma cidade do interior do estado de Minas Gerais. Cercado pelo amor e pelos cuidados dos pais e irmãos, o menino frágil cresce em uma casa simples, mas repleta de afeto, assimilando, desde muito cedo, os preceitos religiosos, as crendices e ditados populares que caracterizam a cultura do lugar em que vive. A obra apresenta um certo lirismo, resultante do cuidado apurado de seu autor com a linguagem utilizada. As crendices populares são muito presentes na narrativa e manifestam-se nas simpatias e rituais variados, realizados com as mais diversas finalidades, como enterrar o umbigo das meninas recém-nascidas em jardins, para que se tornem excelentes jardineiras, ou dar água da chuva, colhida do sino da igreja, para aquelas crianças que demoram a falar, a fim de que aprendam a falar logo e *na hora certa* (Queirós, 2004, p. 28).

Na realização deste projeto, consideramos que, mesmo que haja a rememoração de momentos felizes, sempre haverá, também, a possibilidade de recuperação de momentos tristes, fatos que marcaram a existência dos envolvidos de forma positiva ou negativa, o que de forma alguma impedirá o curso do projeto de mediação, uma vez que, o simples ato de expressar emoções, deixando-as fluírem, também faz parte do processo de superação. Como objetivos específicos, pretendemos levar o público-alvo a se interessar pela leitura da obra selecionada, a ler e se identificar com o texto literário, a rememorar acontecimentos marcantes, através da comparação entre suas memórias e os

acontecimentos apresentados pelo autor, a compartilhar suas experiências com o grupo e a refletir sobre a leitura e as experiências compartilhadas.

METODOLOGIA DE MEDIAÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO

Ao se trabalhar com o texto literário, podem emergir algumas concepções engessadas, há muito, adotadas em salas de aula, as quais tomam o texto como um objeto a ser dissecado, interpretado e assimilado. Não é esta a metodologia que pretendemos abordar nesta proposta. Considerando as possíveis particularidades do público escolhido, composto por pessoas mais velhas e externas à comunidade escolar, é conveniente focar os trabalhos na leitura e discussão oral da obra, deixando os registros escritos, sempre que possível, para quem estiver executando o projeto, uma vez que a simples sugestão de escrita de um texto pode assustar muitas pessoas.

Há diferentes proposições e diversas ramificações para o conceito de literatura, dependendo do objetivo ou do público a quem se quer referir. Assim, há a literatura adulta, a literatura médica, jurídica, infantil, juvenil, etc. Despidendo, porém, a literatura de seus adjetivos limitantes e destacando a sua função, alinhamo-nos à visão da literatura como possibilidade de fruição estética, um direito de todas as pessoas, conforme defende Antonio Candido (2011), e como arte indispensável e intrinsecamente ligada à essência humana, como acreditava Queirós (2019).

Na obra *O direito à literatura* (2011), Candido denomina literatura a “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura” (Candido, 2011, p. 176). Um conceito tão abrangente concede à literatura o *status* de uma *necessidade universal*, a qual, segundo o autor, seria tão essencial à humanização do homem que, sem ela, talvez não pudesse haver *equilíbrio social* (Candido, 2011, p. 177). Tal necessidade universal que a literatura representa, ainda segundo o autor, está ligada à incapacidade humana de desligar-se da ficção e da fantasia. Elementos onipresentes no itinerário da humanidade, a ponto de ser quase impossível não ter contato com qualquer um deles, a ficção e a fantasia são, também, alguns dos elementos que caracterizam a literatura, enquanto arte, o que lhe concederia a extraordinária capacidade de atuar no consciente e inconsciente dos sujeitos humanos.

Bartolomeu Campos de Queirós, em consonância com as ideias de Candido (2011), defende que não há necessidade de se ensinar às pessoas o gosto pela arte, uma vez que a *arte vale por si só* (Queirós, 2019, p. 111) e seria, portanto, capaz de tocar, sozinha, o seu público, afinal, todas as pessoas podem, se não reconhecer, pelo menos, *sentir* a arte, já que “ninguém dá conta de conviver sozinho com a arte. Quando você vê um filme ou qualquer coisa bonita é preciso que você traga, mesmo na lembrança, alguém para ver com você. A

arte é pesada para se ver sozinho. É condição da beleza distribuir-se” (Queirós, 2019, p. 112). O sentido de compartilhar a arte reside no prazer por dividir experiências que nos marcaram, de uma ou de outra forma. É uma possibilidade para dividir emoções e ir além delas, compartilhando impressões e sensações comuns a todos os humanos.

Ainda que a arte esteja ligada à essência do ser, as interpretações possíveis nunca serão homogêneas ou estanques. De acordo com Umberto Eco (1981, p. 154), o espaço que o escritor reserva para as impressões de seu leitor proporciona várias possibilidades de interpretação para o texto literário, uma vez que cada leitor interpreta de acordo com “suas próprias características psicológicas e fisiológicas, da própria formação ambiental e cultural”, o que, por conseguinte, leva-nos à conclusão de que “cada fruição será inevitavelmente pessoal e verá a obra num de seus aspectos possíveis” (Eco, 1981, p. 154).

Bartolomeu, ferrenho defensor da literatura como um direito de todos, também afirmava que “trabalhar com a palavra é compreender seus deslimites e apresentar para o leitor um convite para adivinhar o que está obscuro no texto e só ele pode desvendar” (Queirós, 2019, p. 68). Destarte, uma obra verdadeiramente literária representa uma possibilidade de abertura para a circunscrição de seu leitor, quando este reconhece nela um espaço de liberdade.

Queirós, além de ser um escritor de reconhecido talento, também foi um educador dedicado e preocupado com o ensino da literatura. Em um ensaio inspirador, intitulado *Arte e educação*, dirigido a professores que atuam na educação básica, o escritor fez questão de destacar o papel da emoção no ensino de literatura, ao afirmar que:

o conhecimento, para residir de fato no indivíduo, primeiro deve passar pela emoção. Quando ele passa pela emoção e se aninha na inteligência, a gente não esquece nunca mais. No entanto, quando ele entra direto na inteligência pela razão fria, é esquecido imediatamente. Não tenham medo de trabalhar a emoção, pois ela é uma garantia, principalmente para a arte (Queirós, 2019, p. 112).

Como o alvo desta proposta é um público externo ao ambiente escolar, inclusive, com grandes chances de envolver pessoas que nunca frequentaram uma escola, ou que já não se lembram mais desta época de suas vidas, uma boa opção para estimular os potenciais leitores é explorar o aspecto afetivo que a obra de Queirós (2004) apresenta.

Por tratar-se de um livro baseado em memórias de infância, escrito em prosa poética e com a presença de várias passagens impregnadas de emoção, envolvendo o ambiente familiar e as relações de afeto entre as pessoas, infere-se que há grandes probabilidades de o texto literário despertar o interesse do público-alvo por meio da autoidentificação. Assim, a leitura e mediação do

texto pode ser realizada através de encontros semanais ou quinzenais, em que haverá a leitura de cerca de dez ou quinze páginas do livro por vez, seguida da troca de impressões entre os presentes, através da reflexão sobre o trecho lido e sobre as emoções e memórias por ele despertadas. Como *Indez* (2004) possui noventa e cinco páginas, consideremos a necessidade de, aproximadamente, dez encontros de leitura e discussões, incluindo, neste número, um encontro de apresentação da proposta e outro de avaliação dos resultados, através do registro das impressões do público sobre todo o processo.

No primeiro encontro, será apresentada aos interessados a proposta do projeto, a obra selecionada e suas relações com a temática memorialística, além de uma leitura introdutória. Também deverá ser discutida, neste momento, a adequabilidade do calendário proposto, de acordo com a disponibilidade do grupo. Uma associação de idosos, geralmente, conta com um calendário de reuniões previamente agendados com seus participantes, uma vez que estes não residem na instituição.

Confirmada a disponibilidade de todos os envolvidos e as melhores datas para todos, a partir do segundo encontro, continuam as leituras e discussões sobre o livro escolhido, havendo, também, o registro das impressões e conclusões do grupo. Calculamos que deverão ocorrer, aproximadamente, dez ou onze encontros, até a conclusão do projeto. Cada encontro deve contemplar a escuta do público, reservando um espaço para que as pessoas se manifestem livremente, relatando uma lembrança ou impressão despertada pela leitura. Todo o processo deve ser registrado, por meio da transcrição das falas, registro escrito ou de gravações em vídeo.

Ao final do projeto, todos devem ser convidados a escrever ou comentar suas conclusões sobre o processo realizado, incluindo as memórias despertadas durante as leituras e as impressões que o livro causou em cada um. Esperamos assim, ao final do projeto, ainda que a leitura não afete a todos da mesma maneira, que haja um saldo positivo, no sentido de despertar, pelo menos, em uma parte dos envolvidos, o prazer e o interesse pelo texto literário, demonstrando a grande importância da literatura para a vida das pessoas. E, como em tempos de grandes dificuldades, na política, na saúde e no mundo, é preciso *esperançar*, esperamos que uma pequena parte dos envolvidos possa multiplicar a experiência do texto literário, compartilhando com seus familiares e amigos as impressões deixadas pela leitura do livro.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Considerando o que foi exposto até aqui, uma possível estratégia de leitura pode ser traçada, para o desenvolvimento satisfatório deste projeto de mediação, de acordo com o itinerário a seguir:

1ª etapa: divulgação do projeto e do cronograma de mediação e leitura do texto literário, através das redes sociais e/ou de convites impressos, distribuídos ou afixados nos locais de trânsito dos possíveis interessados (público-alvo, funcionários da instituição selecionada, membros da comunidade externa);

2ª etapa: realização da leitura mediada, de acordo com o calendário predefinido; durante a fase da leitura, alguns exemplares da obra, ou cópias de trechos específicos, podem ficar à disposição do público participante, a fim de que, aqueles que estejam interessados, possam ler durante os intervalos entre os encontros;

3ª etapa: ao final de cada encontro realizado, deverão ser ouvidas, e registradas, as impressões e considerações do público acerca do trecho lido, havendo, se possível, a gravação dos relatos, em áudio ou vídeo;

4ª etapa: avaliação do processo, através da reunião dos depoimentos dos participantes, colhidos ao longo dos encontros, que servirão como base para a discussão sobre as impressões finais sobre a obra lida.

Recursos necessários

Para a viabilização do projeto, primeiramente, será necessário elaborar e imprimir os convites e folhetos de divulgação, além de definir o espaço e as melhores datas, de acordo com a disponibilidade dos interessados e dentro do período de tempo selecionado, para a realização dos encontros. Para tanto, os seguintes recursos físicos serão necessários:

- Cerca de 100 folhas de papel sulfite para impressão dos convites de divulgação do projeto;
- Impressora;
- Um ou mais exemplares do livro *Indez (2004)*, de Bartolomeu Campos de Queirós, ou cópias de trechos específicos, para cada grupo de três participantes do projeto;
- Folhas em branco, para que os participantes que assim desejarem, possam fazer o registro de suas impressões e conclusões;
- Lápis ou canetas para anotações;
- Caixa de som (opcional);
- Sala equipada com mesas e cadeiras, com capacidade para acolher entre 6 e 20 participantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Incentivar, com sucesso, a leitura de uma obra literária costuma ser um anseio compartilhado entre quase todos os envolvidos no trabalho com a literatura, sejam aqueles que a produzem, como os autores e as editoras, ou aqueles

que a consomem e acreditam no seu potencial para melhorar as vidas dos seus leitores, como os professores e os mediadores de leitura.

Os professores, atuando como mediadores de leitura do texto literário, costumam alcançar, e com grandes chances de sucesso, diga-se de passagem, os membros da comunidade escolar, composta por seus alunos, funcionários e colegas de profissão. Este público convive com a palavra escrita diariamente, por meio dos livros didáticos, dos enunciados e de exercícios de escrita, entre outros (ainda que este convívio não implique, necessariamente, em uma relação de amor com a literatura). Dificilmente, entretanto, um projeto de leitura e mediação consegue abarcar a família dos alunos, e, mais dificilmente ainda, os membros mais velhos destas famílias. Por esta razão, os projetos de leitura e mediação que transcendem o ambiente escolar e se voltam para públicos externos são tão especiais.

Este projeto tem como foco um público mais velho, porém, através deste público, também podemos alcançar a outros, uma vez que uma das grandes qualidades de um bom texto literário é a sua possibilidade de ser compartilhado. A família, principalmente através do exemplo, é uma fonte de inspiração para os jovens. Muitos escritores e escritoras revelaram que sua incursão pelos caminhos da literatura foi inspirada em um ou mais membros de suas famílias que cultivavam o hábito da leitura, como os pais, tios, irmãos ou um avô ou avó que contava histórias.

Portanto, após a conclusão do trabalho de leitura e mediação aqui proposto, se um ou mais dos envolvidos no processo descobrirem o prazer proporcionado pelo texto literário e compartilharem com seus familiares e amigos as experiências e sensações que vivenciaram no âmbito deste projeto, podemos considerar que obtivemos êxito em nossos propósitos.

SUGESTÃO DE CRONOGRAMA

No que se refere ao tempo necessário para o desenvolvimento do projeto de leitura e considerando a possibilidade de quatro encontros mensais, apresentamos como sugestão o seguinte cronograma de atividades:

Atividade	1º mês	2º mês	3º mês	4º mês
Divulgação	X			
Início das atividades do projeto	X			
Desenvolvimento da leitura		X	X	X
Finalização do projeto				X
Encontro para discussão dos resultados				X

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

ECO, Umberto. **A definição da arte**. Lisboa: Martins Fontes, 1981.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5 ed. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

PAIVA, Márcia Daiane da Fonseca. **Das paredes da casa ao texto ficcional: repetição e memória em Bartolomeu Campos de Queirós**. Dissertação de mestrado. Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Juiz de Fora: 2018.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Indez**. 12 ed. São Paulo: Global, 2004.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Antes do depois**. Rio de Janeiro: Manati, 2006.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Sobre ler, escrever e outros diálogos**. Org. Júlio Abreu. 2 ed. São Paulo: Global, 2019.

CAPÍTULO 6

LEITURA LITERÁRIA NO CIBERESPAÇO: UMA TRANS(FORMAÇÃO) LEITORA JUVENIL NO CONTEXTO ESCOLAR

Lucivânia Rodrigues da Silva

Mestre em Letras pela Universidade Federal do Tocantins-UFT, Especialista em Letramento, Literatura e Cibercultura na Educação básica pela Universidade Estadual de Goiás, Pós-graduada em Práticas Pedagógicas na Educação pela UFT e Graduação em Licenciatura plena em Letras, Português, Inglês e respectivas literaturas pela Universidade Estadual de Goiás(UEG), Pedagogia pela UNOPAR. Também é Especialista em Gestão Estratégica da Inovação Política de Ciência e Tecnologia pela UFT e especializando em Docência na Educação Profissional e Tecnológica-IF-Goiano. Atua como pesquisadora na área de concentração em Estudos Linguísticos pela UFT e Formação de professores. Professora na Secretaria de Educação básica do Tocantins nas seguintes disciplinas: Língua Portuguesa e Língua Inglesa. E-mail: lucivaniaueg@hotmail.com

Ler colectivamente (em diálogo com a obra literária, em diálogo de leitor com outros leitores) é, com efeito, além de prazer estético, um modo apaixonante de conhecimento, o ensejo inestimável de participar activamente, ampliando a criação pelo comentário, pondo-se cada um à prova, jogando-se, inteiro, na aventura em que a palavra estética nos envolve e, ao mundo.

Jacinto Coelho



INTRODUÇÃO

Este projeto tem como intuito verificar como as alterações nos suportes de leitura que ocorreram ao longo do tempo podem interferir nos modos de ler e, por conseguinte, na caracterização do leitor. Garcia (2021) destaca que desde as inscrições em pedras até os hipertextos lidos nas telas dos computadores e smartphones, percebemos diferenças preponderantes no processo de recepção de textos as quais causam questionamentos tais como: o livro impresso, um dos suportes de escrita e leitura, será substituído por livros eletrônicos?

Nesse sentido, esta pesquisa se dedica a analisar a relação dos suportes com a leitura, de modo a apresentar diferentes tipos de leitor e as habilidades necessárias para o ato de ler, principalmente literatura, sem, no entanto, extinguir o livro físico do universo dos leitores. Para tanto, embasamos este projeto em Terra (2015), Soares (2002), Spalding (2012), Xavier (2010) e Garcia (2021) na abordagem acerca de suportes de leitura, hipertextos, conceituação de leitores, leitura literária na rede. Logo, verifica-se a possibilidade de coexistir os suportes de leitura livro físico e tela de modo que a leitura literária ocorra de diferentes maneiras.

Abordamos a importância da leitura literária, as vantagens que ela traz para um leitor assíduo e, portanto, a necessidade de se formar leitores são assertivas discutidas com frequência, tendo lugar de destaque nas escolas, onde acontecem comumente projetos e ações de incentivo a essa prática, bem como pesquisas que discutem a temática. No entanto, a contemporaneidade traz uma série de desafios e um deles é como pensar a leitura de textos literários no contexto do ciberespaço, no qual as relações são construídas virtualmente por meio de redes sociais e sites diversos, cientes da realidade de que, para muitos indivíduos, o pouco e, muitas vezes, único contato com o livro ocorre no ambiente escolar. (Lins, 1977).

Para tanto, temos como objetivo geral contribuir com as discussões acerca da temática leitura e tecnologia em sala de aula. Como objetivos específicos, pretendemos: Compreender a influência do ciberespaço na contemporaneidade; Diversificar a leitura através das novas mídias, incluindo o celular em sala de aula; Enfatizar a necessidade da promoção e potencialização desses processos em espaços virtuais de aprendizagem.

METODOLOGIA

Este projeto foi idealizado para ser desenvolvido no Colégio Estadual Polivalente Professora Antusa (CEPI) - Integral, localizado na cidade de Campos Belos-GO, com estudantes da 1ª série do Ensino Médio, os quais possuem idade de 15 a 16 anos. Sabemos que os jovens utilizam os celulares, Ipads e entre outros meios tecnológicos com mais frequência, nesse sentido este projeto apre-

senta a leitura de diferentes gêneros textuais: poemas, crônicas, contos, notícias e entre outros gêneros textuais de forma lúdica e interativa. É importante salientar que as leituras solicitadas pertencem a autores da literatura brasileira.

Nessa perspectiva, ler implica um processo de interação entre texto e leitor, no qual este se responsabiliza integralmente pela construção dos sentidos, de modo que sem ele não há o que se interprete. No entanto, Cosson (2019) argumenta que esse leitor é formado pela comunidade da qual faz parte e, por isso, para interpretações precisa-se considerar o contexto. Como ler, quem ler e o que se ler e, por conseguinte, o próprio ato da leitura depende de um contexto. “Não lemos o que queremos, mas o que nos é dado a ler. Não lemos como queremos, mas como nos é permitido ler. Não lemos sozinhos ou por nossa própria conta, mas sim dentro das possibilidades que nos são oferecidas pelo contexto” (Cosson, 2019, p. 38).

Desenvolvimento

Numa sociedade em que a tecnologia ocupa posição decisiva, a ponto de (re)significar as configurações das relações humanas em todas as suas esferas, a discussão dos eixos direcionadores das futuras políticas públicas de educação não pode abster-se de uma análise mais apurada sobre o modo como as atuais relações de produção determinam transformações que acontecem cada vez mais rápido na esfera da superestrutura e, portanto, nas instituições que as compõem.

A partir das transformações tecnológicas, mudanças ocorreram nas formas de letramento. Os novos gêneros digitais mudaram o perfil dos leitores os quais assumem novas posturas para se adaptar ao meio virtual, concebendo novos formatos de leitura e comunicação para o universo eletrônico. Apesar de constataremos que essas posturas/estratégias na nossa pesquisa terem sido, tanto nos suportes tradicionais quanto nos virtuais, em sua maioria, a mesma para ambas as escolas, vimos que há uma necessidade de conhecimento dos entrevistados sobre os hipertextos/hiperlinks. Esses usuários, mediante a escolha das opções de resposta ao questionário, não percebem a utilidade do hipertexto no que diz respeito ao ‘aprofundamento’ da leitura. No entanto, reconhecem a Internet como suporte de pesquisa e leitura eficaz.

Recursos

- Datashow/Projeter;
- Internet;
- Celulares;
- Caixa de som;
- Sala com capacidade para acolher 24 alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, este projeto contribui com a inserção da leitura através das tecnologias na sala de aula. Diante deste cenário atual, as tecnologias podem auxiliar no desenvolvimento da leitura e escrita de estudantes em sala de aula, lugar imprescindível para o crescimento intelectual. Portanto, a necessidade de formar leitores assíduos são assertivas discutidas com frequência em instituições educativas, tendo lugar de destaque nas escolas e universidades, onde acontecem comumente projetos e ações de incentivo a essa prática, bem como pesquisas.

SUGESTÃO DE CRONOGRAMA

Atividades	Out.	Nov.	Dez.
Leitura da obra Capitães de Areia, de Jorge Amado/ discussão	x		
Crônicas de diversos autores brasileiros		x	
Poemas/ Antologia Poética de Vinícius de Moraes		x	
Ação com músicas, poemas e contos elaborados a partir das leituras			x

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. Trad. do russo por Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BALVERDU, Andressa Machado. **Comunidade Booktube como alternativa de incentivo à leitura**. 2014. 53 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/112194>. Acesso em: 20 setembro de 2022.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2019.

GARCIA, Rebeca Mendes. <http://revistas.unama.br/index.php/asasdapalavra/article/view/1934/pdf> acessado dia 24 de setembro de 2022.

LINS, Osman. **Do ideal e da glória: problemas inculturais brasileiros**. São Paulo: Summus editorial, 1977.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Educ. Soc. Campinas, vol. 23. n. 81. p. 143-160, dez., 2002. Disponível em [http:// www.cedes.unicamp.br](http://www.cedes.unicamp.br). Acesso em: 17. Set. 2022.

TERRA, Ernani. **A produção literária e a formação de leitores em tempos de tecnologia digital**. Curitiba: Intersaberes, 2015.

XAVIER, Antonio Carlos. **Leitura, texto e hipertexto**. In: MARCUSHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antonio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. São Paulo: Cortez, 2010.

LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA: O FAZER PEDAGÓGICO E O AMOR PELA LITERATURA PODEM CAMINHAR JUNTOS

Selma Regina Lapazin

Filha mais nova de um casal de agricultores familiares, iniciou seu processo de alfabetização numa escola rural e multisseriada. A conclusão desse processo se deu numa escola urbana de uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul. Enquanto criança e adolescente, encontrou nos livros e na leitura literária uma fonte de diversão e prazer. Muito mais tarde, as boas lembranças das muitas horas de leitura e das inúmeras visitas às bibliotecas escolar e pública municipal, serviu de inspiração para a escolha do Curso de Letras - Língua portuguesa e respectivas literaturas, cursado na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ. A graduação em letras, concluída em 2008, serviu como suporte para grandes mudanças. Em 2009, saiu da pequena cidade onde nasceu para se estabelecer na cidade de Porto Alegre, capital do estado. Trabalhando na área administrativa de escolas públicas da rede estadual desde o ano de 2000, resolveu atuar como professora da educação básica. Desde 2012 trabalha como professora da rede municipal de Canoas, na região metropolitana de Porto Alegre, junto a alunos das séries finais do Ensino Fundamental. Também atuou como professora da rede estadual com alunos do Ensino Médio. Hoje, pós-graduada em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa, continua seu trabalho em sala de aula tendo como preocupação constante a formação de alunos leitores. A leitura mostrou a ela, uma menina do interior, que é possível é preciso ter sonhos. No trabalho de sala de aula tenta plantar a semente da leitura para que seus alunos colham a emoção de embrenhar-se e viver incríveis histórias.

*“Oh! Bendito o que semeia livros...
livros à mão cheia...
E manda o povo pensar.
O livro caindo n’alma
é germe - que faz a palma
é chuva - que faz o mar
[...]”³*

Castro Alves

3 ALVES. Castro. Espumas Flutuantes. Domínio público.

INTRODUÇÃO

Práticas pedagógicas pessoais desenvolvidas ao longo da última década apontam para a necessidade da leitura em sala de aula. Enquanto professora de Língua Portuguesa nos anos finais do ensino fundamental, percebo que, mais do que seguir, respeitar e contemplar as orientações dos documentos oficiais que norteiam o ensino brasileiro, é importante fazer uso das múltiplas leituras e, em especial, da leitura literária em sala de aula.

Diante da perspectiva de assumir a tarefa, árdua na maioria das vezes, de formar leitores em sala de aula, faz-se necessário o planejamento de como alcançar tal objetivo. Em atividades pedagógicas, é comum perceber certa resistência por parte dos alunos quando lhes propomos tarefas que envolvem a leitura, seja ela literária ou não-literária. No entanto, quando o professor assume a responsabilidade de planejar e executar atividades de mediação de leitura e formação de leitores, esta resistência dos educandos pode ser vencida.

Uma vez que o professor faça a escolha de, em suas aulas de Língua Portuguesa, trabalhar para a formação de leitores, é importante ter a consciência de que esta não é uma tarefa fácil. Desenvolver as habilidades de leitura, principalmente da leitura literária, parece uma tarefa simples, porém exige muito esforço do professor e também do aluno. Escolher obras que despertem o interesse do aluno, desenvolver um trabalho de divulgação do texto escolhido e gerar expectativa para a leitura da mesma, são formas de começar esse trabalho em sala de aula.

Na tentativa de minimizar a resistência por parte do educando, propiciando-lhe a oportunidade de apreciar a leitura literária, devem surgir projetos de leitura mediados pelo professor em sala de aula. Quando o professor ocupa o lugar daquele que planeja e medeia a leitura literária, o objetivo de formar leitores literários pode ser alcançado mais facilmente. A elaboração de projetos de leitura faz com que o professor reflita a respeito das suas práticas, pense e repense suas escolhas didáticas e pedagógicas para que, no final do processo, possa alcançar um intuito primordial das aulas de Língua Portuguesa: formar leitores autônomos.

Comumente, quando se pensa no fazer pedagógico na disciplina de Língua Portuguesa, rapidamente vêm à mente os conceitos relacionados à gramática tradicional. No entanto, quando pensamos em competências específicas dessa disciplina, há muito mais do que o ensino de regras gramaticais. A formação integral do aluno passa por compreender a língua como um fenômeno cultural, reconhecê-la como forma de construir conhecimento, percebê-la como meio de participar de diferentes espaços sociais. Aliada a isso, vem a prática da leitura em sala de aula, momento em que o professor e os alunos devem “reconhecer o texto como um lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias” (BRASIL, 2018, p. 87), bem como o envolvimento do educando com a prática da leitura literária.

Partindo destas constatações e da percepção da importância da leitura literária em sala de aula, avanço à reflexão a respeito da importância do trabalho de mediação do texto literário. Na prática pedagógica é fundamental a disponibilização de tempo e recursos para a leitura literária, entretanto apenas isto não basta. É preciso mediar, *abrir portas e janelas* para que o aluno consiga *apaixonar-se* pela e apropriar-se da condição de leitor literário. Para Silva e Ferreira (2009, p. 52 - grifos das autoras), “ter acesso aos livros ou tempo para ler não é suficiente, nem simplesmente *deixar ler*. Para que o interesse pela leitura ocorra, faz-se necessário apresentar os livros aos leitores em formação”. Nesta perspectiva, o trabalho de mediação do professor é fundamental para que o aluno/leitor consiga dar os primeiros passos pelo *incrível* universo da leitura literária.

Ao longo do tempo, os professores das redes pública e privada tentam, incansavelmente, formar leitores assíduos e competentes. Parece que todo este esforço sempre encontra obstáculos que ainda precisam ser vencidos. Possivelmente, um desses obstáculos seja a mediação inadequada da leitura do texto, em especial o literário. É bom ressaltar que a tarefa de mediar está centrada no professor. Segundo Colomer,

“Estímulo”, “intervenção”, “mediação”, “formalização” ou “animação” são termos associados constantemente com a leitura no âmbito escolar, bibliotecário ou de outras instituições públicas e que se repetem sem cessar nos discursos educativos. Todos esses termos se referem à intervenção dos adultos encarregados de “apresentar” os livros às crianças. (Colomer, 2007, p. 102)

Nesta perspectiva, o ato de mediação desempenhado de forma significativa pelos educadores é fundamental para o objetivo de formar novos leitores. Por isso, a mediação necessita de planejamento, de modo que a elaboração de Projetos de Mediação de Leitura é uma das ferramentas que instrumentalizam o bom trabalho do professor de Língua Portuguesa.

No entanto, antes de o professor ser mediador, ele necessita fazer escolhas no que se refere aos textos que serão base para as práticas de mediação da leitura. Entre tantas possibilidades e variedades de gêneros textuais, por que trazer a literatura para esse processo? A resposta para esta indagação é muito simples: o texto literário consegue, muitas vezes, circular por diferentes realidades, estabelecer relações entre o mundo real e o imaginário, *abrir portas* para sentimentos e sensações que estavam presos pelas amarras da vida cotidiana.

A leitura literária serve para que o educando tenha acesso a formas de expressão que saem do livro como objeto e passam para o âmbito em que o texto literário serve como ponte entre aquilo que ele é e o que ele pode ser. A literatura auxilia no processo de constituir-se, como nos lembra Candido (1988, p. 180), ao dizer que ela “desenvolve em nós a quota de humanidade na medida

em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. Ao percebermos a literatura com tal capacidade e potência, devemos utilizá-la como ferramenta para o nosso trabalho em sala de aula e para a aprendizagem e formação do nosso aluno.

A certeza da importância da leitura literária, mediada pelo professor, também passa pelo fato de que nossos alunos precisam ter acesso à literatura, já que ela “é uma necessidade universal imperiosa, e por que fruí-la é um direito das pessoas de qualquer sociedade.” (Candido, 1988, p. 179-180). Entender a literatura como forma de ressaltar o que há de humano nos estudantes, ajuda na compreensão do quão importante é esse contato deles com a obra literária. *Mais do que simplesmente ler uma obra literária, é compreendê-la como uma forma de expressão, como uma forma de visão de mundo que tem por base um viés artístico.*

Entretanto, para que seja possível a leitura do texto literário e a geração de novas experiências leitoras, há uma escolha primordial a ser feita: que livro será apresentado ao aluno? Esta é uma dúvida recorrente entre aqueles que tentam, incessantemente, formar novos leitores. O que ler? Será que os alunos vão gostar? Este livro é adequado ao público leitor? Perguntas como estas deveriam fazer com que o professor/mediador pesquise, se informe, visite e revise textos literários para selecionar o que está adequado para a realidade daquela turma, naquele momento. Estas escolhas, porém, não são feitas de maneira neutra. Existem alguns fatores determinantes para que se escolha uma e não outra obra.

Para o desenvolvimento do presente projeto, um dos fatores para a escolha da obra a ser apresentada para os alunos se deu com base no número de exemplares disponíveis na biblioteca escolar. Num universo de mais de mil alunos da escola, espera-se que sejam atendidas três turmas de 7º ano do ensino fundamental. Observando os dados estatísticos da escola, estas turmas contam com, aproximadamente, 90 alunos a cada ano. Sendo assim, há a necessidade de um número razoável de livros.

É nesse contexto que entra o PNLD - Literário que, ao longo dos últimos anos, vem disponibilizando obras literárias às bibliotecas escolares de todo o Brasil. Na última edição do PNLD - Literário, foi dada às escolas a oportunidade de escolha dos títulos que seriam recebidos. Além das coleções, ainda havia a possibilidade de selecionar títulos específicos, os quais viriam em número adequado ao atendimento de todos os alunos registrados no censo escolar. Esta foi uma iniciativa inédita que colocou muitos livros nas escolas brasileiras. Sendo assim, é importante ressaltar que “muitos programas de distribuição de livros, assumidos por governos municipais, estaduais e pelo governo federal colocaram esse objeto nas escolas do país, pois sem o que ler não vinha sendo possível valorizar a leitura” (Silva e Ferreira, 2009, p. 51).

Uma das obras escolhidas pela comunidade escolar serve de base para o presente projeto de mediação de leitura. O livro selecionado tem como título

O amor nos tempos do blog, do autor Vinicius Campos, escrito em 2012. A referida obra traz para as páginas de um livro elementos da cultura digital com as postagens de dois adolescentes que confessam seus amores, se questionam a respeito dos seus sentimentos e dos sentimentos do outro, dividem suas impressões a respeito das pessoas com necessidades especiais (um dos personagens é um menino surdo que se comunica por meio da LIBRAS). Além disso, o livro estabelece uma relação com a narrativa *O amor nos tempos do cólera*, de Gabriel García Márquez, narrativa esta que é lida pelos personagens da história adolescente. Ainda com base no romance de García Márquez, o personagem Bernardo cria o pseudônimo *Ariza em Silêncio*, com o qual assina as postagens em seu blog, e se inspira para refletir a respeito do amor e das dificuldades para se comunicar em função de ser um garoto surdo, mas também pela condição de adolescente com suas inseguranças.

Outro fator, não menos importante, para a escolha do referido livro para o projeto de mediação de leitura, está relacionado diretamente ao fato do adolescente Bernardo ser surdo e se sentir inseguro para comunicar-se diretamente com as pessoas da nova escola. É nesse mundo digital que *Ariza em Silêncio* consegue expressar-se livremente e no qual a personagem *Cinderela Virtual* acessa as confissões do adolescente. Ao imaginar como os alunos-leitores reagiriam às diferentes situações apresentadas na obra, aos múltiplos sentimentos das personagens, ocorre a percepção de que o livro tem potencial para conquistar o estudante. Na perspectiva de que “os textos literários nos tocam e nos questionam acerca de nossas visões sobre o mundo e nos convidam a nos perguntarmos como viveríamos o que é representado nas ficções” (Bajour, 2012, p. 26), percebe-se que quanto mais o leitor se vê dentro da história, mais fácil será a sua inserção no mundo de leitor.

A mediação da leitura na escola começa pela escolha da obra. Nem sempre será possível a escolha de obras menos densas. Mas, para um primeiro passo na formação de leitores, é importante que o texto literário a ser lido seja leve e que possibilite ao público leitor a identificação e o reconhecimento de vivências próprias da sua idade, bem como a expressão de sentimentos que também fazem parte da sua vida cotidiana. Essa escolha inicial deve servir de porta para outras escolhas de outras obras que serão lidas. É importante que o professor/mediador esteja ciente de que

A escola é um lugar privilegiado para dar nomes possíveis a esse terremoto de significados e preparar nossos ouvidos e os de outros que leem para encontrarmos modos de falar sobre os textos artísticos. A escuta dos professores precisa então nutrir-se de leituras e saberes sobre o “como” da construção de mundos com palavras e imagens para que os alunos se desenvolvam na arte cotidiana de falar sobre livros. (Bajour, 2012, p. 27)

Não é permitido ao professor/mediador eximir-se da responsabilidade de partir em busca de títulos e obras que venham conquistar e formar novos leitores. Mesmo sabendo que estas escolhas não são integralmente suas, é fundamental que elas passem por um filtro que atenda ao anseio de formar muitos novos leitores. O passo inicial é aquele que vai na direção de construir projetos de mediação de leitura, para depois formar leitores e na sequência enxergar e debater o mundo na perspectiva da obra literária.

Para tanto, temos como objetivo geral desenvolver uma mediação de leitura literária no decorrer das aulas de Língua Portuguesa no 7º ano do Ensino Fundamental, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Santos Dumont, no município de Canoas - RS, tendo como objeto de leitura o livro *O amor nos tempos do blog* de Vinicius Campos. Como objetivos específicos, pretendemos: Acessar a leitura literária por meio da obra de Vinicius Campos, no decorrer das aulas de Língua Portuguesa; Perceber aspectos pertinentes ao texto literário e as interseções entre literatura e vida cotidiana; Encarar o texto literário como fonte de reflexão a respeito da sociedade (uso das tecnologias, relações humanas, preconceito, respeito às diferenças, etc.); Desenvolver o gosto pela leitura literária, valorizando a literatura como uma manifestação artístico-cultural.

METODOLOGIA DE MEDIAÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO

O texto literário geralmente é encarado por professores e alunos como um grande desafio. Da parte dos professores, vem a preocupação no que se refere a falta de tempo em sala de aula para a exploração da obra como um todo. Nessa perspectiva, o professor acaba optando por textos literários mais curtos para o trabalho pedagógico, tais como contos ou poemas. Não que essa opção seja equivocada. Nada disso. Ela é muito válida, entretanto é importante ressaltar que é possível utilizar obras mais longas para o trabalho com o texto literário.

Uma parte da resistência dos professores a este trabalho passa pelo fato de que não há preparação, ao longo da sua graduação ou formação pedagógica, para o trabalho com o texto literário. Infelizmente, esta falta de preparo, relega ao texto literário um espaço muito pequeno nas atividades de sala de aula. Este não é o único motivo que dificulta o trabalho com o texto literário em sala de aula, mas é um fator complicador no momento de o professor pensar na sua tarefa de mediar leitura literária.

Da parte do aluno, há resistência para a leitura do texto literário. Os fatores são variados, mas principalmente pela falta de hábito de leitura ou pela falta de incentivo desta. Os estudantes de praticamente todas as escolas veem no texto literário a *leitura chata* que lhes é imposta pelo professor de língua portuguesa. Junta-se a esta resistência, a visão equivocada que se tem por parte da sociedade no que se refere à prática da leitura literária. É comum que as pessoas vejam a leitura literária apenas como uma forma de passatempo e,

numa sociedade que valoriza a produtividade, encare estes momentos como algo sem utilidade prática.

O certo é que a preocupação e a falta de formação dos professores, assim como a resistência dos alunos precisam ser superadas. Só se “ensina” ler colocando o livro diante do leitor e estimulando a leitura. Só se “aprende” a ler, pegando o livro que está diante de si e, efetivamente, lendo. Para ensinar e aprender a leitura, professores e alunos devem se envolver disponibilizando seu tempo e seu esforço. Posto isto, é fundamental ter a noção de que nas práticas pedagógicas, o professor deve entender que “oferecer um tempo de prática leitora na sala de aula ou na biblioteca escolar para que os alunos exercitem as habilidades de rapidez, concentração, autocontrole, etc., implicadas no ato da leitura” (Colomer, 2007, p. 65) são o princípio de uma trajetória de leitura literária.

Cada professor necessita compreender que a sua tarefa é mediar esse processo de inserção do aluno no mundo da leitura literária. É fundamental compreender que “são as atividades de leitura dirigida e compartilhada, aquelas em que meninos e meninas vêm elucidar-se, ante os seus olhos, o modo de ler que devem interiorizar” (COLOMER, 2007, p. 65) que formam novos e bons leitores numa sociedade que clama por uma população com altos níveis de alfabetização e de conhecimento histórico-cultural.

Obviamente, o processo de formação de leitores passa, inicialmente, pela família e precisa dela para sua consolidação. Mas, é na escola que boa parte da população brasileira tem contato com o texto literário. Sendo assim, é de responsabilidade do professor, em sala de aula, compreender a importância de seu papel ao apresentar aos alunos a noção de que o texto literário é uma construção artística que, assim como a música, o teatro etc., serve para que o leitor reflita a respeito de questões históricas, sociais, pessoais, mas que também serve para o leitor encontrar o seu lugar no mundo.

Cabe ainda ao professor, no momento de pensar a respeito da sua ação pedagógica, ter a consciência de que suas escolhas são decisivas na formação de cidadãos e leitores. É fundamental compreender que os alunos, quando não apresentados ao mundo da leitura pela família, precisam da intervenção do professor e da escola neste processo. Cabe a cada educador, compreender que

Em meio à avalanche de mensagens e estímulos externos, a experiência literária brinda o leitor com as coordenadas para que ele possa nomear-se e ler-se nesses mundos simbólicos que outros seres humanos construíram. E, embora ler literatura não transforme o mundo, pode fazê-lo ao menos mais habitável, pois o fato de nos vermos em perspectiva e de olharmos para dentro contribui para que se abram novas portas para a sensibilidade e para o entendimento de nós mesmos e dos outros. (Reyes, 2012, p. 27-28)

Porém, não basta ter consciência do que foi exposto até aqui. Para alcançar, por meio do trabalho pedagógico, os objetivos que norteiam as boas práticas de formação de leitores e de mediação de leitura, é imprescindível planejar a rota a ser seguida com este trabalho. Estabelecer objetivos, um cronograma e uma metodologia de trabalho que garanta, ao final de tudo, um passo firme na direção da formação do leitor literário.

Pensar na metodologia deste trabalho, resulta numa prática pedagógica que tem como principal finalidade o efetivo letramento literário. Deve ir além de simplesmente impor um título a ser lido. Para Cosson,

quando um professor determina a leitura de obras literárias, sua primeira ação parece ser a de comprovação da leitura, ou seja, conferir se o aluno leu efetivamente o texto. Depois, ele busca ampliar essa primeira leitura para outras abordagens que envolvem a crítica literária e outras relações entre o texto, o aluno e a sociedade. Esses dois movimentos estão instintivamente corretos, mas precisam ser organizados. É necessário que sejam sistematizados em um todo que permita ao professor e ao aluno fazer da leitura literária uma prática significativa para ele e para a comunidade em que estão inseridos, uma prática que tenha como sustentação a própria força da literatura, sua capacidade de nos ajudar a dizer o mundo e a nos dizer a nós mesmos. (Cosson, 2021, p. 46)

No momento em que o professor toma para si a responsabilidade de fazer do seu aluno alguém que compreenda a leitura literária como uma prática significativa, aí então será possível a real formação de leitores proficientes. Cabe ainda dizer que a clareza a este respeito e o planejamento das atividades são os pilares para o sucesso dessa tarefa. O próximo passo está alicerçado na compreensão de que “o ponto central das atividades envolvendo literatura na escola” (COSSON, 2021, p. 47) está na “aprendizagem da literatura, que consiste fundamentalmente em experienciar o mundo por meio da palavra” (COSSON, 2021, p. 47).

Apresentar aos alunos do 7º ano do ensino fundamental a obra “O amor nos tempos do blog”, de forma que os leitores consigam perceber que a história e seus personagens vão além de uma simples tarefa escolar. Pensar e planejar tarefas e atividades que motivem o aluno para a leitura, que façam o aluno perceber que o texto literário pode retratar sentimentos e emoções parecidos com aqueles que o próprio adolescente vivencia. Quando o educando se afasta da leitura literária como decodificação e se aproxima da leitura que o ajuda na construção de respostas para as suas dúvidas e medos, o professor alcançou a real aprendizagem da literatura.

Por ser uma obra que aborda temas como socialização de adolescentes, os relacionamentos amoroso e familiar, a descoberta do amor romântico, o preconceito e a construção de estereótipos, ela se credencia para ser um dos

degraus no processo de formação do leitor literário. Quando se pensa na leitura do mesmo livro por muitos alunos, na socialização dessa leitura por meio de seminário e da construção de cartazes de propaganda, está se projetando a formação de uma comunidade de leitores. Quando se imagina um debate envolvendo 30 alunos tentando entender o comportamento de uma das personagens ou então os sentimentos de outra, aí se dá a vivência do texto literário.

A obra escolhida não faz parte da lista dos cânones da literatura brasileira, no entanto fala da realidade de adolescentes. A partir dela, será possível acessar outras leituras que, ao longo do tempo, irão se aprofundando e complexificando. É como se o professor segurasse o aluno pela mão no momento de atravessar um corredor escuro que vai, aos poucos, clareando, de forma que ao participar de uma comunidade leitora, o estudante tenha cada vez mais segurança na sua capacidade de leitura literária. O professor, ao projetar seu trabalho de letramento literário, deve saber que isso é perpassado pela relevância da construção de uma comunidade de leitores.

É essa comunidade que oferecerá um repertório, uma moldura cultural dentro da qual o leitor poderá se mover e construir o mundo e a ele mesmo. Para tanto, é necessário que o ensino da Literatura efetive um movimento contínuo de leitura, partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno”. (Cosson, 2021, p. 47-48)

Além de planejar as atividades que envolvem a obra, também é importante pensar na avaliação do projeto de leitura. Avaliar o trabalho realizado deve ser um processo contínuo. Não deve ser uma tarefa relegada a um segundo plano. Ela é indispensável ao longo do desenvolvimento do projeto. A avaliação não deve ser voltada apenas para a aferição do que o aluno compreendeu da obra. Uma avaliação, neste caso, deve ser voltada para o entendimento do quanto o Projeto de Leitura contribui ou contribuiu para a formação do leitor literário.

Mesmo sendo necessária, a avaliação de um projeto e dos seus resultados é complexa. Na tentativa de simplificar esse processo, a tarefa de avaliar o projeto em si será dividida em duas partes essenciais. Inicialmente, ainda nos meses de abril e maio, os alunos farão a leitura da obra e o método avaliativo deste período estará concentrado na verificação da leitura efetiva do texto. Ao longo das aulas, o professor fará perguntas a respeito da evolução da leitura, da percepção dos alunos a respeito do tema central do enredo, fatos curiosos da narrativa etc. Nesse primeiro momento não se tem nenhuma intenção de quantificar ou qualificar a leitura do aluno.

A pretensão nessa fase inicial é avaliar se os alunos estão realmente envolvidos com a leitura. É hora de compreender que “são momentos de checagem

do andamento da leitura que ajudam o professor e os alunos a compartilhar suas impressões iniciais e, no caso de obras mais longas, rever as hipóteses lançadas na introdução.” (Cosson, 2021, p. 113). Ao longo do processo de leitura da obra o professor consegue mensurar o quanto a obra atrai a atenção dos leitores e se, em um projeto futuro, vale a pena insistir em um novo projeto com o mesmo texto literário.

O segundo momento avaliativo do projeto ocorre no mês de junho, quando da finalização do mesmo. Esse momento tem relação com “a discussão e o registro da interpretação” (Cosson, 2021, p. 114). Ao longo do mês de junho estão previstas três tarefas importantes do projeto: O seminário para debate de aspectos da obra (tarefa coletiva); o fichamento de leitura (tarefa individual) e a confecção de cartazes de divulgação da obra (tarefa coletiva).

No seminário, o professor coordena as discussões em torno de três perguntas norteadoras que abordam temas centrais da obra: Os relacionamentos amorosos entre adolescentes enfrentam barreiras? O preconceito contra pessoas com necessidades especiais (surdez é a necessidade especial do personagem Bernardo) existe? Criar ou seguir estereótipos e/ou padrões de beleza tem consequências na vida dos adolescentes? O seminário é uma tarefa coletiva. A turma é dividida em três grupos e cada grupo vai coordenar o debate a respeito de uma das questões norteadoras relacionadas ao livro. Já o fichamento de leitura, será uma tarefa individual a ser realizada à distância. Este será o produto escrito de todo o trabalho. Os alunos recebem um roteiro de perguntas que, ao serem respondidas, devem nortear a escrita do texto.

O trabalho que finaliza o projeto será a confecção de cartazes de divulgação do livro. Esta também será uma produção coletiva e os alunos poderão expressar sua criatividade para conquistar novos leitores à obra literária. No que se refere à atribuição de notas, cada uma das tarefas propostas acima e desenvolvidas pelos alunos receberá um valor de 0 a 100. A média aritmética destes valores será incluída na avaliação de aprendizagem dos estudantes no segundo trimestre do ano letivo.

No que se refere à avaliação do projeto em si, os alunos responderão um formulário anônimo com questões que contemplam sua satisfação em participar do projeto, a significância das atividades propostas ao longo dos meses e se acreditam ser produtivo participar de outros projetos, com outras obras literárias, mas seguindo o mesmo modelo. Com a análise dessas informações é possível ter ideia do quanto o projeto atingiu o público-alvo.

DESENVOLVIMENTO - TRABALHO COM O TEXTO LITERÁRIO

Etapa inicial:

- Escolha do texto literário a ser apresentado aos alunos;
- Leitura e análise da obra no que se refere à adequação do texto para a faixa etária;

- Verificação da disponibilidade de 90 exemplares⁴ da obra, para que cada aluno do 7º ano tenha acesso ao material de leitura simultaneamente.

Motivação

Apresentação da obra aos alunos: Análise dos aspectos gráficos da capa, levantamento de hipóteses a respeito do assunto central da narrativa tendo como base o título do livro; comparação entre os títulos *O amor nos tempos do blog*, de Vinicius Campos, e *O amor nos tempos do cólera*, de Gabriel García Márquez, refletindo a respeito da intertextualidade entre as obras; debate sobre o que é “amor” e de que tipo de amor trata a obra; delimitação do que seria um blog; comparação entre as diferentes formas de diários (físicos, diários online e mídias sociais atuais); levantamento das expectativas dos alunos para a leitura do livro.

Neste momento de motivação, é importante que o professor-mediador atente para o estabelecimento de vínculos com a obra literária, mesmo antes da sua leitura, tendo em vista que “as mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir.” (Cosson, 2021, p. 55). É durante o processo de motivação que o aluno-leitor tem o primeiro contato com a obra e nesse momento já forma um imaginário a respeito da história. Despertar a vontade e a curiosidade pela leitura do livro são fundamentais para conquistar o leitor.

Introdução

- Disponibilização dos livros aos alunos;
- Apresentação física da obra aos alunos e observação de elementos básicos do livro: Título, dados sobre o autor; capa, quarta capa, apresentação (fazer a leitura coletiva).

Tanto a apresentação física da obra, quanto a disponibilização do livro para os alunos pode ser feita na biblioteca da escola em uma das aulas de leitura que a turma desenvolve. Também nesse momento, são levantadas algumas hipóteses a respeito da expectativa de leitura. Para Cosson (2021, p. 60), é no momento da introdução que “cabe ao professor falar da obra e da sua importância naquele momento, justificando assim sua escolha.”

Propor combinações a serem cumpridas durante o período de leitura: Fazer comentários com os colegas a respeito da leitura sem revelar detalhes

4 Número médio de alunos matriculados no 7º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Santos Dumont, segundo dados estatísticos levantados junto à secretaria da escola.

que possam antecipar acontecimentos (nada de *spoilers*); antes de discutir a obra, perguntar: “Em que parte você está?”, bem como comentar o final da história apenas com os colegas que também já concluíram a leitura.

Leitura

Delimitação de tempo para a leitura obrigatória da obra: Os alunos levam o livro para casa e são orientados a executar a leitura no prazo de 30 dias. Ao final deste prazo começam as atividades de avaliação das leituras. Durante o tempo destinado à leitura individual, o professor vai fazendo pequenas inserções nas aulas de Língua Portuguesa para estimular a continuidade da leitura, a curiosidade por fatos da narrativa que ainda estão por vir, ou ainda, comentários sobre a percepção da história como um todo por parte daqueles que já concluíram a leitura.

Na etapa da leitura, é o momento em que o professor deve estar muito atento ao que está acontecendo com cada leitor e em que momento de leitura cada um deles se encontra. Naturalmente, mesmo com o estabelecimento de prazos para a leitura, alguns alunos podem ter tempos de leitura diferentes dos demais. Por isso, a motivação para a leitura é fundamental para que todos e cada um persista e conclua a tarefa.

É fundamental que o mediador de leitura esteja ciente de que “a leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista.” (Cosson, 2021, p. 62). Os leitores podem necessitar de auxílio no decorrer da leitura e o olhar atento do mediador pode oferecer a ajuda necessária para este processo de leitura e compreensão do texto literário. Enquanto mediador de leitura, o professor carece saber que

Ao acompanhar a leitura dos alunos por meio dos intervalos, o professor poderá ajudá-lo a resolver ou, pelo menos, equacionar questões que vão desde a interação com o texto, a exemplo do desajuste das expectativas que pode levar condições de legibilidade do texto quando da disponibilidade do aluno para realizar a atividade. Em muitos casos, a observação de dificuldades específicas enfrentadas por um aluno no intervalo é o início de uma intervenção eficiente na formação de leitor daquele aluno. (Cosson, 2021, p. 64)

Como afirmado anteriormente, a formação do leitor exige tempo e esforço, tanto do professor, quanto do aluno. E, por assim ser, demanda empenho de ambos. No entanto, a maior responsabilidade no momento da leitura é do professor. Este, não pode de forma alguma, abandonar seu aluno ao longo do período de leitura.

Interpretação

A etapa da interpretação fica dividida em dois momentos. Inicialmente é feito trabalho coletivo por meio de um seminário com a turma toda para debater aspectos específicos da obra: amor na adolescência, respeito à diversidade, percepção das relações familiares, como os estereótipos influenciam na vida e no comportamento dos adolescentes, etc.

Em seguida, propomos a realização de um fichamento de leitura com o levantamento de dados bibliográficos, características do texto literário (personagens, narrador, espaço, ambiente etc.) e análise individual dos conflitos vividos pelas personagens.

Divulgação do projeto

- Confeção de cartazes de propaganda do livro e exposição no corredor de acesso à biblioteca (tarefa desenvolvida em grupo).

Recursos

- Aproximadamente 90 exemplares do livro *O amor nos tempos do blog*;
- Biblioteca da escola para desenvolvimento das etapas de motivação e introdução;
- Quadro branco e marcador para a anotação dos prazos para leitura e datas do seminário e do fichamento da leitura;
- Material xerocado para o fichamento da leitura.
- Folhas A3 para confecção dos cartazes pelos grupos de alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de elaborar e aplicar um projeto de mediação de leitura é atravessado por muitos momentos de dúvida e inúmeras incertezas. No entanto, ele também se fortalece em situações em que o professor percebe que o aluno pode se aproximar um pouco mais da condição de leitor literário. O papel do professor nesse processo é primordial e também reconfortante na medida em que a mediação da leitura literária vai acontecendo.

A escolha da obra, elaboração do projeto de mediação, apresentação do texto literário aos alunos e sua leitura efetiva, finalização do projeto e avaliação dos resultados, são etapas a serem seguidas e vencidas para que a mediação de leitura literária aconteça em sala de aula. Nesta perspectiva, é interessante destacar que o trabalho do professor de Língua Portuguesa vai além

do ensino de regras e exceções, ortografia e sintaxe. O trabalho de um bom professor também se baseia na sua capacidade de formar leitores literários efetivos e entusiasmados.

Após os propósitos serem definidos e estratégias traçadas, com o desdobramento do projeto foi possível atingir o objetivo de desenvolver uma mediação de leitura literária no decorrer das aulas de Língua Portuguesa com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Santos Dumont, no Município de Canoas - RS, tendo como objeto de leitura o livro *O amor nos tempos do blog* de Vinicius Campos. Possivelmente, o projeto de mediação de leitura utilizando a mesma obra será aprimorado e executado novamente, já que os objetivos iniciais foram atingidos e a avaliação, por parte dos alunos, foi bem positiva.

Perceber que o aluno efetivamente leu e gostou de um livro é um prêmio para aquele profissional que tenta, a todo custo, formar leitores literários em suas aulas. Apresentar ou aprofundar essa relação de afeto pela leitura literária faz parte da realização do professor enquanto mediador de leitura e de sonhos. As histórias narradas nos livros têm o poder de conquistar e formar leitores, mas, para além disso, elas também podem despertar e libertar sonhos de novas histórias.

SUGESTÃO DE CRONOGRAMA

Atividade	Março	Abril	Maiο	Junho
Escolha do texto literário.	X			
Leitura e análise da obra.	X			
Apresentação da obra aos alunos.		X		
Disponibilização dos livros aos alunos e delimitação de tempo para a leitura.		X		
Leitura do texto literário.			X	
Seminário para debate sobre a obra (tarefa coletiva).				X
Fichamento de leitura (tarefa individual).				X
Divulgação do projeto e confecção de cartazes (tarefa coletiva).				X

REFERÊNCIAS

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas**: O valor da escuta nas práticas de leitura. Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. (Tradução Laura Sandroni). São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2ª ed., 12ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

REYES, Yolanda. **Ler e brincar, tecer e cantar** - Leitura, escrita e educação. Tradução de Rodrigo Patrocínio; São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

SILVA, Lílian Lopes Martin da; FERREIRA, Norma Sandra de Almeida; SCORSI, Rosalia de Ângelo. **Formar leitores**: desafios da sala de aula e da biblioteca escolar. In: SOUZA, Renata Junqueira de (org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas**: o mediador em formação. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

A MEDIAÇÃO NA LEITURA DO LIVRO ILUSTRADO

Luciana Mendes Ferreira

Possui graduação em Biblioteconomia (UFMG) e em Letras (Uninter). Especialista em Marketing e Comunicação (UnBH), Letramento Informacional (UFG) e Letramento, Produção de Texto e Sentido (UEG). É Master Business Administration em Inovação de Unidades de Informação (UFSCar). Atualmente é discente de Tecnologia em Design Editorial (Uninter). E-mail: lumendes.lum@gmail.com

A narrativa deve fluir como flui o riacho através das montanhas e dos bosques, mudando de curso a cada pedra que aparece e a cada ponta de cascalho coberta de grama que se projeta em seu caminho; sua superfície se rompe mas seu trajeto segue o peso das rochas ao fundo[...]

Mark Twain

INTRODUÇÃO

O que se observa como uma das principais características dos livros infantis contemporâneos é o desenvolvimento do enredo no entrelaçamento das linguagens textual e visual e na qualidade gráfica da obra; formas como o leitor-ouvinte⁵ em processo de descoberta do mundo pode experimentá-lo em sua narrativa. Talvez por isso possam ser classificados como infantis.

As escolhas estilísticas ampliam as possibilidades de interpretação do texto; desde a eleição atenta e cuidadosa dos termos que contribuem com uma generosa carga semântica e discursiva, como no título *Uniforme*, de Tino Freitas e Renato Moriconi; a densidade das figuras de linguagem que potencializam a produção de sentidos nas construções frasais como em *O mundo inteiro*, de Liz Garton Scanlon e Marla Frazee; ao produto textual que adultera o percurso abrindo caminho para novas propostas narrativas como as da coleção *Fábrica de Fábulas*. A ilustração, que originariamente adornava o livro ou reproduzia partes do enredo, conta e reconta a história, conta outra história, algumas vezes em complementaridade com o texto escrito, outras, em desconectividade e até mesmo em contrariedade.

O projeto gráfico, no tangente aos materiais, amplia a proposta com o uso de recursos visuais e táteis, materializando o que for possível e promovendo a leitura a uma experiência sensorial. Uma estimulação cinestésica em que todos os sentidos convergem para o ato, uma ação momentânea de recriação. Para isso, não somente a visão, a audição e o tato são operantes, mas também efeitos de sentido do olfato e do paladar podem ser estimulados criando uma experiência fascinante, pela qual não se é necessário justificar a importância ou necessidade da leitura para um leitor embora seja uma tarefa difícil convencer um não leitor usando suas implicações como argumento.

Somando-se a entonação do leitor, a narrativa e o projeto gráfico exercem influência na ordem e no dinamismo da leitura, na produção de sentido e nas interações com o público. Dito isso, entende-se que a mediação de leitura do livro ilustrado não deve se dar ignorando ou substituindo as escolhas lexicais, secundarizando a ilustração ou de maneira indiferente ao projeto gráfico; ao contrário, os diversos aspectos evocados na voz do leitor criam um espectro polissêmico e acionam processos imaginativos. Os vários elementos constitutivos de uma obra são partes de um todo na formação do significado e na construção do sentido que realizam na literatura a completude do ser humano.

O pertencimento a uma cultura que nos faz ser. Pela representatividade de si e do outro, pela oportunidade de criar outras, novas e histórias próprias,

5 Termo cunhado por Sueli Bortollin em sua tese de doutorado; baseado na concepção de literatura que extrapola os limites do texto escrito, enfatizando a literatura oral e os indivíduos que participam do seu compartilhamento.

e sentir-se no domínio do tempo e do espaço em que se realizam. Faz-se necessário saber, se o mediador de leitura do livro ilustrado e idealizado para o público infantil será capaz de apresentar os elementos que nele oferecem significado e sentido. A mediação requer, essencialmente, o gosto pela leitura e pelo livro e o estudo constante dos métodos para o incentivo à leitura e capacitação de leitores na busca por uma experiência mais profunda. Cabe ao mediador de leitura a consciência do processo formador do qual é o agente. Nesse sentido, esta proposta visa destacar alguns aspectos específicos e relevantes do livro ilustrado para o público infantil que devem ser considerados em sua leitura. Sua realização requer um mediador leitor; leitor instrumental, isento de habilidades cênicas ou capacidade de improvisação, mas capaz de transmitir a expressividade da obra.

Para tanto, o objetivo geral desta proposta é auxiliar mediadores, leitores para o público infantil ainda em processo de alfabetização, na promoção de experiências de leitura mais significativas com o livro ilustrado. Busca-se, ainda, instruir mediadores de leitura quanto aos aspectos próprios do livro ilustrado para o público infantil, bem como contribuir para o desenvolvimento de estratégias replicáveis de leitura para esse público.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA PARA MEDIAÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO

Tendo em vista a importância da replicabilidade da proposta aqui construída, foi necessária uma abordagem metodológica dos processos de análise introdutória com vistas a garantir a preparação do mediador.

Partiu-se do entendimento de Viana (2000 *apud* Nogueira, 2004, p. 55) em que a concepção de linguagem pressupõe os fatores linguísticos, cognitivos e interacionais, sendo esses últimos a própria realização do discurso e da produção de sentido. Portanto, a leitura do livro ilustrado para o público infantil estabelece um processo dialógico cujas estratégias podem ser identificadas segundo Nogueira (2004, p. 63-64 *apud* Luciano, p. 100) em cinco categorias: 1) Prosódicas; 2) Gramaticais; 3) Cinestésicas; 4) Imagísticas; e, 5) Sonoras.

A qualidade da narrativa elencada pelo mediador fica evidente nas palavras de Mendes e Velosa (2016, p. 121) ao afirmarem que

quanto mais plurissignificativos forem os textos literários [...] quanto mais polissêmicas forem as ilustrações, maiores possibilidades terá a criança de libertar a sua imaginação e ir construindo mundos alternativos, penetrando na estrutura simbólica e imagética com um olharada vez mais pormenorizado e focalizado, atribuindo, dessa forma, novos significados à narrativa visual e, conseqüentemente, à obra no seu conjunto, porque só a articulação intersemiótica entre

o texto verbal e o pictórico confere ao livro a sua unidade de sentido (ainda que esta possa variar de leitor para leitor, devido, precisamente à polissemia de que a obra literária se reveste).

A relação entre texto e imagem eleva à potência as possibilidades de interpretação da obra. São combinações várias que o leitor estabelece a partir da leitura do texto, da imagem e de ambas as linguagens identificando os aspectos que narram, descrevem e dissertam, o tempo, o espaço e os personagens.

Ainda sobre a qualidade do livro ilustrado para o público infantil

A organização gráfico-espacial entre texto e imagem na página do livro infantil pode gerar o encadeamento, seleção, complementaridade ou contraponto das ideias e influenciar no formato de leitura e nas qualidades da narrativa (*apud* Linden, 2011). A relação entre texto, imagem e suporte origina composições gráficas que podem, portanto, proporcionar diferentes formatos de compreensão das narrativas literárias. (Menegazzi; Debus, 2018, p. 278)

O ilustrador é também autor da obra e propõe a leitura através dos recursos visuais, atribuindo à narrativa uma nova roupagem e outras possibilidades de leitura. Ainda que a ilustração seja fiel ao texto, os detalhes captados são inevitáveis e estabelecem um padrão para os elementos do enredo, ou seja, não deixa a cargo do leitor o exercício de imaginar cenários e personagens, que estarão expostos ali, no entanto, a complexidade da descrição cria novas perspectivas.

Em Nogueira (2004, p. 60-61), lemos que

A construção do texto exige a realização de uma série de atividades cognitivo-discursivas que vão dotá-lo de certos elementos, propriedades ou marcas os quais, em seu inter-relacionamento, serão responsáveis pela produção de sentido. Esta construção de sentido é entendida pelo envolvimento com o texto lido, pela expressividade dada ao texto pelo leitor e pelas marcas deixadas por ele na leitura do texto através da entonação, repercutindo significativamente na construção de sentido pelo ouvinte, pela captação da interação comunicativa do leitor.

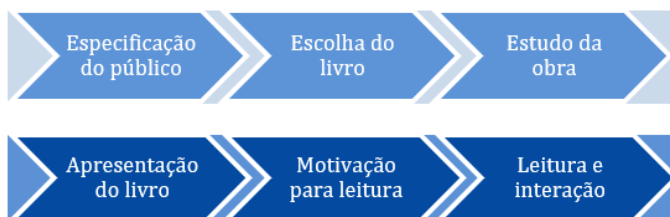
Essa constatação reafirma a importância do trabalho realizado pelo mediador. São aspectos que confirmam a complexidade do livro ilustrado infantil e porque deve ser melhor analisado, garantindo que a criança aprenda através da sua leitura um olhar mais amplo e ao mesmo tempo focado, adotando perspec-

tivas que favoreçam, principalmente, a criatividade e a empatia, e promoveram um crescimento pessoal e social.

A contribuição dos textos consultados não se esgota nos recortes realizados aqui. A sugestão é que seja realizada uma leitura atenta e reflexiva deles e de outras fontes relacionadas para o entendimento e compreensão da proposta de mediação.

Desenvolvimento

De modo a contribuir para a promoção de experiências de leitura mais significativas com o livro ilustrado, apresenta-se agora o desenvolvimento de uma estratégia replicável de leitura para o público infantil. Para o desenvolvimento de uma proposta de mediação de leitura, podemos considerar um fluxo com ênfase, primeiramente, na preparação do mediador e, posteriormente, na execução da atividade de mediação. Sempre considerando os aspectos já citados.



ETAPAS DE TRABALHO COM O TEXTO LITERÁRIO

Especificação do público

Independentemente da idade, o público pode ser muito diverso em suas experiências sociais e culturais, de modo que o mediador deve considerar com acuidade as características dessa audiência para não a subestimar ou superestimá-la. É necessário conhecer e respeitar suas diferenças e seus interesses. Nesse ponto, a questão da acessibilidade é focal, sendo importante lembrar que esse fator está relacionado a todos os elementos que proporcionam ao público o acesso aos recursos que levam ao entendimento do exposto. Portanto, é necessário que o mediador esteja sensível às limitações dos leitores-ouvintes.

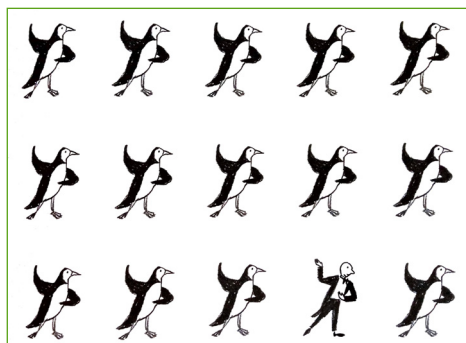
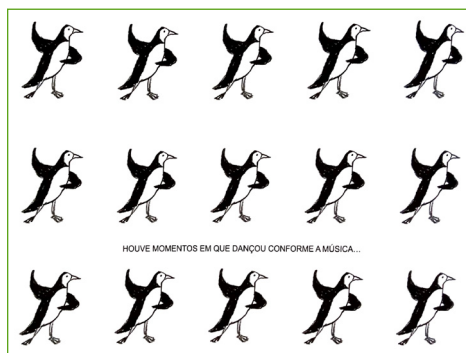
A educação pelo olhar, ou seja, a sensibilidade artística e estética muito perspicaz no público infantil, talvez por ainda não ser alfabetizado ou estar em processo de alfabetização e tendo a imagem como recurso para a leitura, esse aspecto deve ser constantemente aperfeiçoado na mediação com esse público.

Outro motivo pelo qual o mediador deve buscar qualificações para cumprir seu papel como fomentador da literatura.

O livro *Uniforme* é um exemplo de obra que pode ser lida com crianças de todas as idades.



Fonte: Freitas, Tino; Moriconi Renato, *Uniforme*, 1ª edição, 2015



Fonte: Freitas, Tino; Moriconi Renato, *Uniforme*, 1ª edição, 2015

Para conhecimento prévio do leitor, são alguns elementos da proposta gráfica do livro: seu formato retangular e horizontal e utilização de páginas duplas – característica que permite, nesse caso a exposição de conflitos vividos pelo personagem em páginas opostas, como se vê em ovelhas brancas e pretas; é monocromático, impresso em tinta preta – exceto nas duas últimas páginas, o que condiz com o processo de libertação do personagem; e, a ilustração utiliza o efeito de traços de giz.

Com uma linguagem metafórica empregada tanto no texto escrito quanto nas ilustrações, o autor cita comportamentos do personagem em situações distintas da vida, assemelhando-os ao comportamento de outros animais. Portanto, é fundamental que as crianças consigam, através do estímulo do leitor e da interação do público, compreender as relações estabelecidas: “camuflar para sobreviver” – característica do camaleão; “dançar conforme e música” – relativo à marcha dos pinguins, também associado ao título *Uniforme* pelo desenho da sua plumagem.

Na leitura do texto, cada criança deve ser capaz de fazer uma construção simbólica associada a sua experiência de vida e conhecimento de mundo.

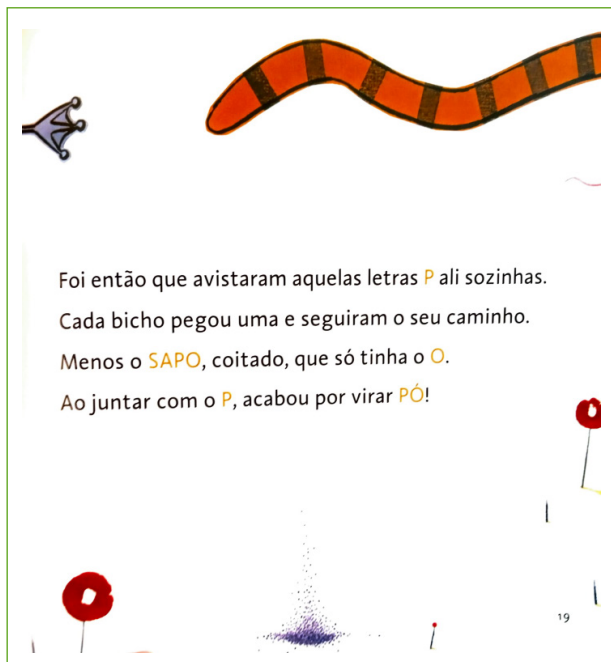
Análise e escolha do livro

A escolha do livro requer um trabalho de seleção que se dá através da análise. Um repertório amplo pode fornecer ao mediador a experiência necessária para uma leitura crítica, uma melhor percepção das interpretações geradas pelo texto e o usufruto das formas de linguagem na motivação da leitura, na expressividade da narrativa oral e na interação com o público.

Analisar uma obra é também entender sua longevidade e a inalterabilidade do núcleo da sua narrativa, o que vale especialmente para os clássicos; histórias de determinadas épocas e regiões, e que são agregadas a outras culturas e transmitidas por gerações. Muitas vezes, elementos que são muito expressivos da narrativa por fazerem parte da cultura do país de origem do autor, perdem suas características simbólicas em outras culturas.

Estudo da obra

Ao analisar o enredo é necessário considerar a complexidade da narrativa e a adequação do vocabulário para o público pretendido. Em *O P do Pato*, Ana Terra trabalha a formação de palavras, e portanto, o mais provável é que o livro não vá interessar a todas as crianças por não ser compreendido por todas elas, mas somente por aquelas cujo processo de alfabetização já tenha alcançado o estágio em que tenha domínio das famílias silábicas e composição de termos.



Fonte: Terra, Ana, *O P do Pato*, 1ª edição, 2014

Ter clareza do conhecimento que a narrativa exige do público é fundamental para alcançar o seu interesse e promover interação. Um livro não compreendido certamente trará desinteresse e desmotivação, além de desatenção e possível agitação.

O projeto gráfico viabiliza meios e formas para apresentação da obra. Alguns recursos podem ser verdadeiros desafios para o leitor. Em *Abra com cuidado! Um livro mordido*, a orientação do texto é muito significativa, mas pode comprometer a leitura, bem como a ausência de letras. No entanto, o que é mais interessante na obra é o recurso tátil; o recorte por onde o jacaré escapa no final do livro. Resta ao leitor pensar maneiras para realizar a leitura proveitosa da obra, uma vez que, todas estas características compõem a narrativa.



Fonte: O'Byrne, Nicola, *Abra com cuidado! Um livro mordido*, 1ª edição, 2020.



Fonte: O'Byrne, Nicola, *Abra com cuidado! Um livro mordido*, 1ª edição, 2020.

A leitura individual e cuidadosa do mediador é fundamental para uma leitura audível mais fluida e deleitosa.

Apreção do livro

Uma boa apresentação do livro é bastante para evitar que o mediador faça inúmeras perguntas às crianças no momento da leitura. Embora muitas propostas de leitura aconselhem os questionamentos para instigar as crianças a interagirem devemos considerar que esta estratégia pode ser desconfortável e por isso desmotivadora.

Nem todas as crianças alcançam o grau de entendimento que acreditam que possa satisfazer o mediador e se calam pelo medo de estarem erradas, ou não alcançam com a mesma rapidez com que outras, que logo se prontificam a falar. Portanto, vale a tentativa por parte do mediador de enfatizar os aspectos relevantes da obra e que irão produzir sentido.

É verdade que a leitura deve ser reflexiva para que haja compreensão. Para isso, podemos estimular o entendimento através das pistas deixadas na obra sem aplicar um questionário oral.

Motivação para leitura

A motivação para a leitura não necessariamente é resultado de uma atitude do mediador. Os bons livros produzem gatilhos para gerar interesse.

Em *Tem um tigre no jardim*, de Lizzy Stewart, a ilustração está intima-

mente relacionada ao processo imaginativo, criativo e interpretativo da personagem. Entediada na casa da avó, a garota é convidada a procurar por um tigre e outros animais improváveis no jardim. A história nos motiva a conhecer o que vem a seguir. O mediador precisa envolver-se com a narrativa, do contrário não conseguirá produzir esse efeito.



Fonte: Stewart, Lizzy; *Tem um tigre no jardim*, 1ª edição, 2019



Fonte: Stewart, Lizzy; *Tem um tigre no jardim*, 1ª edição, 2019

Leitura e interação

Ler requer o domínio do leitor sobre o texto, principalmente porque provavelmente ele será o único com o livro em mãos. A leitura precisa ser clara e audível. Não é necessário encenações e objetos são acessórios opcionais. No entanto, a entonação é muito importante, é o recurso primeiro do leitor, uma

vez que é entonação que podemos captar pistas que a narrativa sugere. Além disso, na entonação percebemos o grau de interesse do leitor na leitura e na atividade que executa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma sociedade cujas práticas de escrita e leitura são recursos essenciais no estabelecimento das relações, a leitura de textos, especialmente os curtos e com uma linguagem acessível a diversos públicos, pode parecer de simples realização. O que expomos, no entanto, foi exatamente o contrário, ao demonstrar como pode ser complexo o alcance das muitas propostas narrativas que o livro ilustrado infantil pode oferecer.

A literatura é a arte pela qual a palavra adquire conotações como percursos que cada leitor escolherá conforme sua experiência pessoal e social. Em um movimento de interiorização e exteriorização através da materialização dos sentidos, o que existe é o que vejo, o que ouço, o que sinto. Há necessidade de uma leitura atenta e afetuosa. Por esse viés a leitura adquire um aspecto social mais potente, pela interação no espaço e tempo em que ocorre a ação e pela ampliação na percepção do mundo.

REFERÊNCIAS

MENDES, Teresa; VELOSA, Marta. Literatura para a infância no jardim de infância: contributos para o desenvolvimento da criança em idade pré-escolar. **Pro-Posições**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 115-132, ago. 2016.

MENEGAZZI, Douglas Luiz; DEBUS, Eliane Santana Dias. (2018). O Design da Literatura Infantil: uma investigação do livro ilustrado contemporâneo. **Calidoscópio**, v. 16, n. 2, p. 273-285.

NOGUEIRA, Gilda Lúcia de Melo. **Entonação e construção de sentidos na leitura compartilhada de histórias infantis**. 2004. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2004.

Sugestões de Leitura

HUNT, Peter. 2010. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo, Cosac Naify, 328 p.

INSTITUTO EMÍLIA. **Revista Emília**. Publicação digital independente e gratuita voltada à literatura infantojuvenil e à formação de jovens leitores. São Paulo: Instituto Emília. c2021. Site. Disponível em: <https://emilia.org.br>.

LINDEN, Sophie van. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011. 184 p.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. 2011. **Livro Ilustrado: palavras e imagens**. São Paulo, Cosac Naify, 368 p.

OLIVEIRA, Ieda (Org.). 2008. **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador**. São Paulo, DCL, 313 p.